

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA E MEIO AMBIENTE

**A MERCADIFICAÇÃO DA FAVELA COMO PRODUTO
DA CIDADE VITRINE:
O EXEMPLO DA FAVELA SANTA MARTA, RIO DE JANEIRO**

YAN SOUZA CAVALCANTI

ORIENTADORA: PROF^A. DR^A. REGINA CÉLIA DE MATTOS

YAN SOUZA CAVALCANTI

**A MERCADIFICAÇÃO DA FAVELA COMO PRODUTO
DA CIDADE VITRINE:
O EXEMPLO DA FAVELA SANTA MARTA, RIO DE JANEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de Geografia e Meio Ambiente da
Pontifícia Universidade Católica do Rio de
Janeiro para a obtenção dos títulos de Bacharel e
Licenciando em Geografia

Orientadora: Prof^ª. Dr.^a. Regina Célia de Mattos

RIO DE JANEIRO

2018

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA E MEIO AMBIENTE

**A mercadificação da favela como produto da cidade vitrine:
o exemplo da favela Santa Marta, Rio de Janeiro**

Yan Souza Cavalcanti

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Regina Célia de Mattos (Orientadora)
Departamento de Geografia e Meio Ambiente, PUC/Rio

Prof. Dr. Álvaro Ferreira
Departamento de Geografia e Meio Ambiente, PUC/Rio

Prof. Ms. Ernesto Gomes Imbroisi

À minha mãe, pelo amor e por sempre acreditar nos
meus sonhos e ao meu melhor amigo, meu pai.

AGRADECIMENTOS

Deixo aqui minha eterna gratidão a minha família, pelo apoio, pela presença, pelo conforto e pelo grande amor, o qual sempre recebi. Agradeço em especial a Maria Beatriz, pela sua força, pela sua sensibilidade e pela mãe que sempre foi. Para meu pai, gostaria de dizer que você também é parte disto, me sinto privilegiado por seus ensinamentos e pelas nossas reflexões, as quais tão importante foram para minha formação pessoal. À minha irmã Olivia, sou grato pelo imenso carinho e afeto que nunca me faltaram, independente da distância. Quero deixar meus agradecimentos também a Dinani, por ter acreditado nos meus estudos.

Sou grato a todos os professores que fizeram parte da minha formação acadêmica e pessoal. Reservo aqui meu carinho especial à professora e orientadora Regina Célia, a quem muito me ensinou sobre a vida durante nossos encontros do PET. Deixo meus agradecimentos também aos meus colegas de grupo de pesquisa, pelo convívio e pela troca de conhecimento que em muito colaboraram no desenvolvimento desta pesquisa. Não me esquecendo, incluo aqui todos os demais funcionários responsáveis da limpeza à organização dos espaços que pude usufruir durante este tempo.

Aos meus amigos, sou grato pelos momentos de alegria, pelo apoio e incentivo. A Leonildo, agradeço a atenção e a ajuda durante os trabalhos de campo realizados na favela Santa Marta. Reservo aqui minha gratidão a minha amiga Carla por toda ajuda e ao meu amigo de classe Diego, pelo auxílio na produção do mapa aqui utilizado. Por fim, agradeço a minha parceira Maria Vitoria, pela paciência e por todo seu carinho.

RESUMO

Enquanto materialização de parte das contradições que regem o sistema capitalista, as favelas apesar de possuírem processos e histórias particulares a cada uma delas, se assemelham perante suas representações. Estes espaços marginalizados espacialmente, geraram ao longo dos anos inúmeras interpretações, fazendo com que mudássemos gradativamente a forma na qual os olhamos. Com a expansão da lógica empresarial voltando-se a produção do espaço, observamos na cidade do Rio de Janeiro, o desenvolvimento de estratégias como o *citymarketing*, visando uma maior atração de capitais ao seu território. Assim, com a vinda dos megaeventos esportivos ao local, observamos uma maior “inclusão” da favela e sua imagem na vitrine internacional da cidade, levando ao desenvolvimento de novas políticas a alguns destes territórios. Porém, este processo rapidamente fragilizou-se durante termino dos jogos olímpicos Rio2016, expondo suas limitações e descontinuidades. Desta maneira, nos propomos analisar as transformações ocorridas sobre o espaço da favela Santa Marta neste período “pré” e “pós” os megaeventos, identificando também suas mudanças de representação.

ABSTRACT

As part of the contradictions that govern the capitalist system, favelas, despite having processes and histories peculiar to each, resemble their representations. These spatially marginalized spaces have generated countless interpretations over the years, gradually changing the way we look at them. With the expansion of business logic, turning to the production of space, we observed in the city of Rio de Janeiro, the development of strategies such as citymarketing, aiming at a greater attraction of capital to its territory. Thus, with the advent of sporting mega-events, we observed a greater "inclusion" of the favela and its image in the international showcase of the city, leading to the development of new policies in some of these territories. However, this process quickly became fragile during the Rio2016 Olympic Games, exposing its limitations and discontinuities. In this way, we propose to analyze the transformations that took place on the space of the favela Santa Marta in this period "pre" and "post" mega events, also identifying their changes of representation.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Porcentagem da valorização do preço dos diferentes imóveis nos bairros do Rio de Janeiro entre os anos de 2002 a 2012	25
--	----

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 – Favelas com remoções e os empreendimentos do Minha Casa	
Minha Vida.....	27
MAPA 2 – Unidades de Polícia Pacificadora (ano de.2014) e Zonas Olímpicas	
da cidade do Rio de Janeiro	33

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Banner dos Jogos Olímpicos Rio2016 produzido pelo artista Kobra.....	28
FIGURA 2 – Animação de abertura das partidas da Copa do Mundo FIFA 2014.....	28
FIGURA 3 – Espaço favela idealizado para o Rock in Rio 2019	30
FIGURA 4 – Barreira acústica que separa via expressa Presidente João Goulart e o complexo de favelas da Maré	31
FIGURA 5 – Remoções na comunidade Vila Autódromo, onde hoje encontra-se o Parque Olímpico	31
FIGURA 6 – Unidade de Polícia Pacificadora da favela Santa Marta	39
FIGURA 7 – Ecomuro Santa Marta	40
FIGURA 8 – O plano inclinado e as primeiras moradias entregues pelo PAC	40
FIGURA 9 – Cabine de informações turísticas Rio Top Tour	41
FIGURA 10 – Modelo de conjunto habitacional pensado para a favela Santa Marta....	42
FIGURA 11 – Revitalização espaço Michael Jackson	43
FIGURA 12 – Sinalizações turísticas	43
FIGURA 13 – Praça Cantão antes de ser atendida pelo programa das tintas Coral.....	43
FIGURA 14 – Praça Cantão depois de ser atendida pelo programa da Coral.....	43

FIGURA 15 – Antigo 2º Batalhão da Polícia Militar do Rio de Janeiro	44
FIGURA 16 – Condomínio Largo dos Palácios	44
FIGURA 17 – A concentração de investimentos na favela evidenciados pelas casas coloridas.....	45
FIGURA 18 – Moradores denunciam o movimento de “remoções brancas”	47
FIGURA 19 – Moradores que vem sendo atingidos pelo processo de gentrificação local.....	47
FIGURA 20 – Comparação entre as imagens da favela Santa Marta divulgada nos panfletos produzidos pela Riotour e as imagens de satélite do Google Earth	49
FIGURA 21 – Estátua Michael Jackson com fuzil de traficantes	50
FIGURA 22 – Estátua Michael Jackson com boné da Polícia Militar do Rio de Janeiro.....	50
FIGURA 23 – Conjunto habitacional projetado para ser construído na área do antigo lixão da Santa Marta	51
FIGURA 24 – Conjunto habitacional Jambalaya.	51

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
-------------------------	-----------

CAPÍTULO 1 - A produção desigual do espaço da cidade do Rio de Janeiro:	
as favelas	18

1.1 – <i>Citymarketing</i> nas favelas.	22
--	----

1.2 – As Unidades de Polícia Pacificadora	32
---	----

CAPÍTULO 2 - A produção do espaço e o <i>citymarketing</i> da favela Santa Marta	36
---	-----------

2.1 – Santa Marta e <i>Citymarketing</i>	38
--	----

CAPÍTULO 3 - Considerações finais	47
--	-----------

REFERÊNCIAS	53
--------------------------	-----------

ANEXO – 1	57
------------------------	-----------

ANEXO – 2	67
------------------------	-----------

INTRODUÇÃO

Compreendendo historicamente o processo expansionista e acumulativo das relações capitalistas de produção, observamos suas manifestações no espaço, onde identifica-se o fenômeno da mercadificação do solo como parte deste processo. Evidenciamos a materialização de tais relações manifestando seu caráter desigual, na forma de favelas, guetos, periferias, contrastando com condomínios fechados, prédios de luxo e *shopping centers*. Buscando analisar o desenvolvimento deste processo na cidade Rio de Janeiro, procura-se focar sobre o fenômeno das favelas – que receberam em alguns de seus espaços, investimentos privados acompanhados de políticas públicas para serem atendidas demandas à reprodução do capital, incentivado com a realização dos megaeventos esportivos, Copa do Mundo FIFA 2014 e os Jogos Olímpicos Rio2016. Esta pesquisa trata de uma reflexão sobre as estratégias de *citymarketing* criadas para áreas de favelas, mais especificamente a favela Santa Marta, localizada no bairro de Botafogo, Zona Sul carioca. Busca-se uma melhor compreensão sobre esse processo, analisando a partir de suas manifestações os resultados e legados deixados com o período “pós” megaeventos sobre a comunidade e seu entorno.

Com base em Sanchez e Guterman (2016), entendemos que os megaeventos não se limitam às arenas esportivas, pois a influência de seus agentes hegemônicos se expande por toda a cidade, construindo um imaginário de “cidade espetáculo”. Os megaeventos passam a ser associados a uma série de imagens-síntese do lugar, tornando-se importante para a construção da “cidade marca”, como esclarecem as autoras. Este movimento agregaria ideias-força que redefiniriam as representações sobre o espaço, por meio da transformação e construção de um imaginário em diversas escalas.

Ainda sobre as ações de *citymarketing*, concordamos com a definição trazida em Bessa e Capanema Álvares (2014), que as entendem como o emprego de ações estratégicas de análise, planejamento e controle dos processos que ocorrem num determinado território, objetivando atender necessidades e expectativas de moradores, turistas e empresas, que procuram melhorar a competitividade do local no seu ambiente concorrencial, porém, o que chama a atenção na seletividade de algumas imagens escolhidas como símbolo da Cidade Olímpica é a representação da favela. O que nos coloca o seguinte questionamento; quais as

estratégias do capital para tornar a favela mercadoria turística, entendendo que esses espaços, são fruto de seu contraditório movimento?

Ao debruçarmos sobre as origens da constituição dos espaços favela, compreendemos a expansão dominante das relações capitalistas, se apropriando do solo enquanto mercadoria, fazendo o valor de troca atribuído ao espaço prevalecer sobre o seu valor de uso. A relação entre homem e espaço sob tal lógica, produz a partir de Harvey (2010): uma homogeneização total do espaço mercadificado, fragmentando-o entre aqueles indivíduos que obtêm acesso a propriedade consumida e aqueles que não a detêm para sua reprodução, gerando hierarquizações espaciais que traduzem as relações capitalistas desiguais em múltiplas escalas.

Ao longo de sucessivas tentativas de se tornar sede das Olimpíadas, os governos da cidade do Rio de Janeiro, procuraram constantemente alterar o planejamento urbano local, visando a todo o momento a atração de capitais ao seu território. Sendo assim, a realização de grandes eventos como os Jogos Panamericanos de 2007 e a criação de programas como o Favela Bairro¹, foram exemplos de estratégias criadas pelo poder público, visando apresentar a cidade como apta a receber tais investimentos. No mesmo ano, a cidade foi nomeada sede dos eventos Copa do Mundo FIFA 2014 e em 2009, das Olimpíadas Rio2016. Para Broudehoux (2016), esses megaeventos tornaram-se instrumentos-chave para o redesenvolvimento urbano, abarcados de forte cobertura midiática e de sua forte marca. O grau de “urgência” no qual passa a ser exigido o cumprimento da agenda internacional, justifica impor medidas excepcionais para a reconfiguração de seus territórios e atender a necessidades dos visitantes, patrocinadores, federações esportivas, emissoras de televisão, entre outros.

Entendemos que os acordos envolvendo a FIFA e o Comitê Olímpico Internacional (COI), exigindo o cumprimento de pautas específicas ao capital estrangeiro, consolidam, parcerias do Estado com hegemonias neoliberais, avançando os interesses privados sobre o território. Em Broudehoux (2016), compreendemos sua crítica ao denunciar a negação do projeto de cidade sede aos elementos de pobreza em seu espaço, envolvendo, paisagens, símbolos e pessoas. Em resposta, os projetos atuam impactando por meio do processo de gentrificação em áreas de interesse e ocultando outras, como é o caso das barreiras acústicas

¹ O Programa de Urbanização de Assentamentos Populares do Rio de Janeiro (PROAP), popularmente conhecido como Favela-Bairro, foi criado em 1995 e iniciado na gestão do prefeito César Maia. Patrocinado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e pela Caixa Econômica Federal, esta política deu início as primeiras reformas de urbanização nas favelas da cidade, buscando desenvolver melhorias nos serviços de saneamento básico e distribuição de água, criando melhores condições de acessibilidade, além de iniciar o processo de regularização fundiária de alguns de seus espaços, sendo assim reconhecidos com bairros. Objetivando a “integração” da favela com a cidade, o programa ainda se encontra em desenvolvimento, para mais informações, consultar CARDOSO (2002).

que ocultam a imagem do complexo de favelas que cercam as proximidades do aeroporto internacional do Rio de Janeiro, e das remoções, que atingiram comunidades como a Vila Autódromo na Zona Oeste. Outra alternativa é a de “embelezamento” destes espaços, camuflando-os e os tornando mais aceitáveis. Percebemos tal aplicação manifestar-se sobre as representações de favela espetáculo, evidenciada em alguns momentos como um aglomerado de blocos com cores alegres, expressando um certo grau de infantilidade, ou enaltecendo seu caráter exótico e antagônico a ordem urbana.

O entendimento de Broudehoux (2016), a respeito do projeto de cidade vitrine em questão, diz respeito às marcas em sua paisagem, as quais buscam representar o espaço enquanto um lugar de maravilha e deslumbramento, atraente aos investimentos. Retomando Sanchez e Guterman (2016), compreende-se que tais representações criadas para venda da cidade do Rio, podem ser entendidas como peças de afirmação hegemônica local, as quais legitimam o poder de classes das elites e as oferece ao consumo do estrangeiro. A cultura que ressurgiu pacificada, as misturas sociais que são toleradas e suas diferenças domesticadas, são valorizadas como traços da urbanidade carioca. Entre os investimentos públicos voltados a tais interesses, muitos foram tirados de fundos ligados ao setor de habitação e projetos sociais, como foi o exemplo do Minha Casa Minha Vida, recebendo famílias vítimas de remoções que atingiram áreas como a favela da Mangueira próxima ao estádio do Maracanã e a Vila Autódromo, onde hoje se encontra o Parque Olímpico da cidade.

Perpassando as diferentes representações manifestadas pelo conflito entre os que possuem a propriedade privada da terra e os que não a detém, observamos a multiescalaridade na qual se dá tal relação, levando a uma construção espacial ainda mais fragmentada e hierarquizada. Ao identificarmos os fragmentos urbanos da cidade do Rio, que concentram maiores capitais, destacamos a Zona Sul, onde não só reside grande parte das classes médias e altas, como também possui espaços símbolos da cidade vitrine. Por outro lado, sobre uma escala maior, observamos neste local outros fragmentos, expressos na forma de antigas favelas que fizeram parte da urbanização da cidade. Parte destas áreas, contrastam também com paisagens ícones do Rio de Janeiro que privilegiadas pela sua topografia, agregam maior interesse ao capital, conforme afirma Souza (2013), aumentando a desigualdade interna e entre outras favelas.

Sobre tal contexto, destacamos a favela Santa Marta, que devido a sua localização privilegiada, teve seu espaço evidenciado por tais interesses mercadológicos. O local se tornou

palco das mais variadas obras de urbanização e de políticas de segurança, das quais levaram a comunidade a receber o status de modelo frente a outras favelas. Concentrando em um território de pequenas dimensões, quase 4 mil habitantes segundo o censo de 2010 levantado pelo IBGE, notamos a singularidade na qual se apresenta a Santa Marta, chamando a atenção desses interesses em questão. As visíveis transformações que ocorreram em seu espaço, simbolizaram um momento de curta e intensa reprodução do capital, que a todo momento era justificada em prol de um legado, fruto do momento ao qual estávamos vivenciando. As mudanças manifestadas na favela, trouxeram alguns benefícios importantes ao local, todavia esse quadro se tornou ainda mais benéfico àqueles que moravam em suas proximidades, tendo grande valorização do preço da terra. Por outro lado, este mesmo processo desencadeou movimentos de exclusão a quem morava no local, sendo incapazes de acompanhar a especulação imobiliária que se criou. Enquanto isso, novos moradores e visitantes chegavam à Santa Marta, atraídos pelas suas paisagens, pelo seu exotismo e pela sua proximidade com os bairros nobres da cidade.

Sobre uma perspectiva mais recente, acompanhamos o enfraquecimento das representações de favela espetáculo, voltada ao mercado turístico, ao mesmo tempo em que são retomadas antigas representações vinculadas ao imaginário de violência desses espaços já tão fragilizados. Tal momento, se desenvolve a partir do término dos megaeventos realizados na cidade, seguido do endividamento do Estado, do esfacelamento das alianças políticas envolvendo as três esferas de governo, somada à crise econômica e política do país, deflagrada pela divulgação de esquemas de corrupção e pelo processo de *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff ainda em 2016. Sobre tal contexto, nas áreas de favelas, a descontinuidade dos frágeis projetos é sentida no aumento dos confrontos entre policiais e/ou facções em toda cidade, inclusive na zona sul. Em resposta à crise de segurança pública do Rio, foi aprovada pelo Senado em fevereiro deste ano, a intervenção Federal sobre o estado, aplicando o uso das Forças Armadas no combate as facções criminosas. O decreto que é válido até o final do ano, vem impactando diretamente a vida da população residente em favelas da zona oeste, não estando fora da zona sul, onde na Rocinha, as forças armadas também vêm atuando em alguns momentos.

Souza (2008), destaca o fenômeno da violência como mais um elemento de desigualdade que reforça o processo de fragmentação do espaço urbano, gerando processos de segregação diferentes, não mais atrelados à movimentos de gentrificação relacionado às políticas

de *citymarketing*, mas ligados a sensação de insegurança que permeia esses espaços. Desmistificando, o autor relata que as favelas estão longe de ser os únicos espaços que servem de logística para o tráfico de drogas de varejo, citando o exemplo da Cracolândia na grande São Paulo. Porém, fatores como a presença de mão de obra barata e descartável, sua localização e sua organização espacial interna, são vantajosas a tais práticas ilegais, que acentuam e tornam mais explícita as violências no local e nas adjacências. Concordamos com o autor ao entender que os aprofundamentos destas fragmentações reforçam as fobópoles.

Considerada a “favela modelo” pelo resultado dos projetos sociais desenvolvidos, a favela Santa Marta também vem sofrendo com casos de violência. Apesar dos investimentos destinados ao local, os moradores relatam a permanência de antigos problemas. Sem registro de qualquer caso de homicídio durante oito anos, após a chegada da UPP, a comunidade já em 2016 demonstrava problemas nos projetos de segurança pública. Com o aumento nos incidentes de tiroteio do local, e com o crescimento dos casos de roubo próximos a região, entendemos que o imaginário e as representações de favela-espetáculo vinculados à comunidade, sofram alterações. Ainda que o futuro nos traga dúvidas e incertezas, entendemos que tais conflitos se manifestam em representações que contrastam com o imaginário de favela criado para a cidade vitrine. O entendimento das distinções que atravessam os períodos de “pré” e “pós” a realização dos megaeventos, sobre olhar voltado as transformações da favela Santa Marta, permite que compreendamos a dinâmica dos desenvolvimentos geográficos desiguais atuantes em tal espaço sobre tal contexto histórico para a cidade.

Os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento desta pesquisa, tiveram como fase inicial o levantamento bibliográfico, o qual demos destaque a autores como, Harvey (2010; 2016) a partir de sua teoria dos desenvolvimentos geográficos desiguais, Sanchez e Guterman (2016) trazendo a discussão do conceito de cidade-vitrine e Santos (2014) abordando as relações entre as partes e a totalidade do processo que se manifesta nas favelas cariocas. A partir da análise destes interlocutores, procuramos consultar dados secundários em órgãos oficiais, sites e matérias jornalísticas, embasados em tal arcabouço teórico. Nas práticas de trabalho de campo, buscamos acompanhar as mudanças sofridas no espaço da favela Santa Marta, sendo importante na produção de fotos que serviram como evidência dos processos descritos nesta pesquisa.

Com o intuito de aprofundarmos nosso trabalho, nos propusemos a fazer a gravação de cinco entrevistas com os moradores da favela e com os de Botafogo, que residem próximo da comunidade. Procuramos entender como os entrevistados compreendiam e sentiam as transformações ocorridas na Santa Marta, através de seis perguntas diferentes a estes dois grupos. Com os moradores do morro, buscamos compreender como eles entendiam o turismo na favela, quais foram os impactos e benefícios sentidos por tal atividade, e como cada entrevistado descreve a favela Santa Marta. Já com os residentes de Botafogo, averiguamos o quão próximos ou distante estes moradores estavam para as mudanças ocorridas na favela, buscando compreender como os entrevistados entendiam e se relacionavam com a comunidade.

Assim, subdividimos esta pesquisa em três capítulos, onde iniciaremos nosso desenvolvimento no capítulo um, onde procuramos analisar o processo de produção desigual da cidade do Rio de Janeiro durante a realização dos megaeventos, sob a perspectiva desigual de suas favelas. Serão discutidos os interesses por trás dos grandes investimentos que se desenvolveram no espaço urbano da cidade do Rio, durante este período. Posteriormente, abordaremos de maneira mais específica, como se deram a elaboração das estratégias de *citymarketing* nas áreas de favelas, chamando a atenção para a importância das Unidades de Polícia Pacificadora na sustentação desses projetos.

No capítulo dois, procuramos focar mais especificamente, sobre como se manifestaram os interesses de venda da favela enquanto mercadoria turística na Santa Marta, identificando os elementos que compõem e sustentam tal produto. Contudo, analisaremos o desenvolvimento das políticas de urbanização e de investimentos no setor do turismo local, averiguando as perspectivas de legado criadas tanto antes quanto depois da realização dos megaeventos esportivos.

Por fim, no capítulo três, abordaremos as descontinuidades desses projetos, que se encontram paralisados, evidenciando as suas fragilidades no que se refere a melhoria da qualidade habitacional, saneamento básico e direito a segurança pública na favela Santa Marta. As entrevistas foram anexadas por último, relatando as respostas dos dez entrevistados que em muito contribuíram para a elaboração desta pesquisa.

CAPÍTULO 1 - A PRODUÇÃO DESIGUAL DO ESPAÇO DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO: AS FAVELAS

Durante o desenvolvimento desta pesquisa foi necessário o incessante questionamento sobre o que é e o que são as favelas, para só assim entendermos como elas se configuram enquanto mercadoria para o *citymarketing*. Assim, partimos da contradição em que tal fenômeno se estrutura, compreendendo as relações de propriedade privada da terra como determinantes na manifestação desses múltiplos espaços fragmentados e desiguais, como nos evidencia Harvey (2016, 2010). O valor de uso intrínseco à interação homem e espaço, entra em choque à medida em que sua privação passa a se intensificar com o desenvolvimento das relações capitalistas. Esse processo é percebido historicamente na produção do espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro, com os movimentos de resistência dos quilombos e pela rentável demanda por moradias baratas no centro da capital, originando os cortiços, como nos mostram Abreu (2007), Campos (2006) e Ferreira (2009). À medida em que as demandas pelo excedente de capital surgem, novas configurações territoriais se materializam no espaço, desmembrando-se para outras áreas da cidade como a zona sul, o subúrbio e posteriormente para a baixada de Jacarepaguá, com foco para os bairros Barra da Tijuca e Recreio. Desta forma, o caráter expansionista e acumulativo do próprio movimento do capital, desencadeou ao longo da história da cidade, processos de homogeneização, hierarquização e fragmentação do seu espaço.

A reprodução humana que se realiza espacialmente, passa a ser submetida às leis do capital, à medida em que estas se expandem e atribuem valor de troca à terra. Tal relação expressa tanto na escala local quanto global, assume um padrão de homogeneidade, mercadificando todo o espaço. Tal configuração consequentemente subdivide o acesso a propriedade privada em múltiplos fragmentos, que se apresentam de forma desigual, hierarquizando seus acessos. Assim, os desenvolvimentos geográficos desiguais se manifestam, entre outros fenômenos, na forma de favelas², que em todo momento fizeram parte do processo de expansão da cidade do Rio. Porém, o carácter desigual e multiescalar transborda a dicotomia entre cidade e favela, configurando amplas heterogeneidades entre os espaços favelizados. Desta

² Espaços que apesar de não terem a legalidade da terra reconhecida, reproduzem a lógica hegemônica do capital, mercadificando seu espaço. Esta relação por sua vez, fragiliza mais ainda os moradores locais, constantemente ameaçados de remoção e sem a menor segurança legal entre os acordos comerciais de compra, venda e aluguel da terra, visto que as negociações são informais.

forma, diferentes favelas se tornam absolutamente distintas umas das outras, não só pela sua historicidade, mas pela sua localização geográfica, que influencia no “valor de troca” do solo que é especulado em cada local.

A necessidade das populações mais pobres de residirem próximas ao local de trabalho, cria uma lucrativa demanda por moradias, fazendo com que as favelas mais próximas, obtenham maior valorização do seu solo. Em contrapartida, as favelas que recortam as periferias urbanas, tendem a ser ainda mais desvalorizadas, quando somados os elevados gastos de transporte para o morador. Esse movimento diferencia as favelas da zona sul carioca, como diferenciadas das demais, visto que estas apresentam relações de grande proximidade com as áreas elitizadas da cidade. Consequentemente, as possibilidades de captação de investimentos públicos e privados são maiores nessas localidades à medida em que seus impactos refletem de forma mais direta sobre as demais áreas nobres que as contornam. Observamos a reprodução desta lógica também na própria favela, entendendo que os terrenos de mais fácil acesso, mais distantes dos pontos de “boca de fumo”, ocupando áreas menos propícias aos deslizamentos ou mais próximas ao comércio, tendem a agregar valor à especulação de seu solo à medida em que outras áreas da mesma comunidade se desvalorizam.

Os interesses especulativos sobre o preço do solo nestes espaços, fazem com que surjam diferentes “classes” atuantes numa mesma comunidade, dentre elas: os moradores inquilinos, os proprietários e os locatários, conforme observa DAVIS (2006, p. 52):

“A locação, na verdade, é uma relação social fundamental e divisiva na vida favelada do mundo todo. É o principal modo para os pobres urbanos gerarem renda com o seu patrimônio (formal ou informal), mas com frequência, numa relação de exploração de pessoas ainda mais pobres. A mercadorização da habitação informal inclui o crescimento rápido de distintos subsetores da locação: construção entre as casas de favelas mais antigas ou prédios multifamiliares em loteamentos clandestinos.”

Desta maneira, observamos o fenômeno das favelas de forma mais complexa, identificando suas diferenças e desigualdades expressas em seus espaços. As hierarquizações geradas a partir da especulação da terra e dos seus diferentes usos, desmistificam completamente a visão das favelas como espaços homogeneamente pobres.

A necessidade da população mais pobre em habitar próximo às áreas de trabalho, confronta com os interesses acumulativos do próprio capital, que com a legitimidade do Estado, condiciona sua reprodução em espaços que poderiam servir de moradias populares. Assim, as

políticas de remoção e realocação impostas às favelas do Rio não atenderam a tal questão, o mesmo ocorrendo com os programas de urbanização, pois o que observamos é que as aplicações de tais investimentos impactam automaticamente na valorização da terra, condicionando a exclusão dos moradores mais pobres, começando pelos inquilinos. Nos casos envolvendo a titulação da terra, notamos a sedutora possibilidade de venda da propriedade pelo morador, às classes com maior poder de consumo e interessadas na lucratividade da sua especulação. Por fim, entendemos que nenhuma das quatro medidas aqui citadas se aproximam de solucionar o problema habitacional gerado pela pobreza urbana, pelo contrário, mantiveram e reforçaram a lógica da propriedade privada, reproduzindo a exclusão das classes mais desfavorecidas.

Prosseguindo, Santos (2004) afirma que o fenômeno da favelização se manifesta de maneira múltipla e desigual sobre o espaço, porém esses diferentes fragmentos, originam-se a partir de um mesmo processo, de caráter totalizante e que se apresenta, através dos desenvolvimentos geográficos desiguais. Sendo assim, a concentração gerada pelo capital, revela-se materializada, entre outras maneiras, na forma de numerosas favelas. Ainda que esses lugares se manifestem de forma múltipla, eles constituem e compartilham o próprio todo, expresso na contradição que atravessa a questão fundiária atual. Assim entendemos porque as primeiras tentativas de representação destes espaços, se constituíram de forma semelhante, pois ainda que de forma estereotipada e depreciativa, todas as produções compartilhavam de evidências que remetiam as carências e ausências de investimentos. Estas descrições, apoiadas pelo Estado durante o período republicano, levariam a construção do que Valadares (2006) abordou como o arquétipo da favela. Podemos então entender que a categorização destes espaços socialmente marginalizados e de construções irregulares, nos leva a algumas interpretações. A categorização singular atribuída a estas áreas enquanto “favela”, ao mesmo tempo que reduzem tamanha pluralidade a um único conceito, pode também nos remeter a integração desses fenômenos, originados a partir de um mesmo processo desigualitário.

O olhar simplificado frente as favelas, ignorando os processos que as reproduzem enquanto formas homogêneas, fragmentadas e ao mesmo tempo hierarquizadas, levam a sua banalização, estando assim mais susceptível aos preconceitos, trabalhado por Heller (2016) que afirma que a rigidez das formas de pensamento e comportamento impostos pelo cotidiano, levam a formação de ultrageneralizações, necessárias para sua própria estrutura social. Todavia, essas ultrageneralizações consistem em juízos provisórios abstratos, que tendem a perder sua rigidez à medida que, através do tempo, tais juízos passam a ser constantemente

questionados e testados. Por outro lado, as relações cotidianas, regidas por normas e estereótipos que as sustentam, obtêm seus êxitos, levando muitas vezes ao conformismo. Assim, a autora chama a atenção para a passagem da conformidade para o conformismo, fazendo com que tais ultrageneralizações, deixem de ser apenas juízos provisórios, para se tornarem preconceitos.

Reforçamos a ideia de que as classes dominantes, por meio institucional e pelo aparato legal do Estado, impõem e reproduzem seus interesses: o poder público pregando pela ordem, legitima o uso da violência, a fim de garantir o seu controle. Assim, o combate se revela frente a população pobre, que carrega em maioria uma herança escravocrata que até hoje se reforça por meio de preconceitos, estereótipos e imaginários, que se associam a imagem da favela e as reforçam enquanto elemento estranho e marginalizado. Somando-se a tal quadro, chamamos atenção para a dominação que esses espaços, socialmente fragilizados, tem sobre atividades clandestinas, que recaem mais uma vez sobre a figura discriminatória do morador da favela.

Barbosa (2015) reflete como as relações capitalistas ilegais exercidas pelo narcotráfico, impactam principalmente as áreas periféricas e favelizadas. Com foco sob o tráfico de drogas, o autor descreve como se desenvolveu tal atividade na cidade do Rio de Janeiro, favorecida pelo seu próprio território e pela organização de suas favelas. A cidade, na posição de grande metrópole nacional, oferece uma dupla condição de mercado e consumo, ao mesmo tempo que as proximidades geográficas envolvendo “morro e asfalto” fazem das favelas, territórios de grande interesse para o crime organizado. A logística das “bocas de fumo”, ligadas inicialmente ao comércio de maconha, assumem novas configurações com o lucrativo comércio de cocaína a partir dos anos de 1980, incorporando cada vez mais o papel de centralidade para os negócios do narcotráfico. Assim, as favelas, que acabam disponibilizando farta mão de obra barata para tais fins, passam a ser vistas enquanto recurso estratégico para a recepção, tratamento e distribuição destas mercadorias, sendo intensamente disputadas por facções rivais. Desta maneira, o autor ressalta:

“Os estereótipos da ausência e da carência que dominavam as representações sobre as favelas no senso comum ganharam uma perversa companhia: o estigma de territórios violentos e criminosos. Esses estigmas, que se tornaram recorrentes, resultam obviamente da presença notória das facções criminosas nas favelas ditando suas regras arbitrárias e violentas de controle de território.” BARBOSA (2015, p. 126)

Os frequentes episódios de violência protagonizados nas favelas, na maioria das vezes são associados aos confrontos entre grupos rivais do tráfico e policiais. As imagens que são divulgadas, das vítimas ensanguentadas ou dos armamentos ostensivos, expressam uma das faces violentas que marcam estes espaços. Essas manifestações, são facilmente percebidas, porém, dizem respeito a uma estrutura muito mais profunda, as vezes quase invisível, na qual fundamenta um intenso processo violento, revelado em múltiplas faces. Nos referimos aqui, ao que Zizek (2014) chamou de violência objetiva, atuando de forma sistêmica e inerente à própria produção da economia capitalista. O autor aprofunda tal conceito, ao descrever como a reprodução desigual do sistema, acaba por violar a própria natureza do indivíduo, que se vê obrigado a vender sua força de trabalho para se realizar enquanto ser. Da mesma forma, identificamos famílias sendo obrigadas a morar em condições sub-humanas, para não se distanciarem dos locais de trabalho que sustentam minimamente suas vidas. Assim, olhamos para os espaços de favela como uma expressão de sucessivas violências que se auto reproduzem, objetivamente e subjetivamente. Uma manifestação pode ser constatada através do abuso de autoridade policial nestes locais, ainda que a violência possa vir a se manifestar fisicamente, subjaz atos de violência moral e simbólica. A violência se apresenta subjetivamente neste caso, mas é resultado de um processo violento mais amplo, estrutural e objetivo, que condiciona os moradores desses locais, não só espacialmente à posição de “excluído”, mas socialmente discriminados.

Até aqui, entendemos como as favelas constituem múltiplas desigualdades que se manifestam sobre o espaço. As abstrações e representações que criamos convergem para um mesmo universo de características degradantes, violentos e que causam repulsa principalmente aos indivíduos que dele não fazem parte. Porém, percebemos e questionamos como tamanha precarização da vida se torna atraente ao mercado, que por sua vez adere e potencializa subjetividades que valorizam tal produto. Assim, outras representações sobre as favelas são criadas, incorporando-as a um conjunto de imagens, intencionalmente representadas para a sua venda. Nos referimos aqui às estratégias de *citymarketing* que passam a incorporar mais fortemente as favelas durante o período em que foram sediados os megaeventos na cidade. Abordaremos a seguir, os interesses e os impactos que tais medidas geraram as favelas do Rio de Janeiro neste período

1.1 – *Citymarketing* nas favelas.

As cidades do século XXI, regidas pelos interesses neoliberais, se inserem numa rede global de mercado, que demanda de cada lugar, condições atraentes para a geração de lucro ao capital privado. Assim, esses lugares estabelecem relações de competição entre si, buscando cada vez mais alternativas para a venda de seu espaço, como nos mostra Vainer (2007). Dentre as diversas estratégias criadas, cabe aqui discutirmos os interesses e implicações que as ações de *citymarketing* tiveram durante o período dos megaeventos, protagonizados na cidade do Rio de Janeiro, mas antes de entendermos como tal estratégia se aplicou às áreas de favelas, devemos compreender como se apresentam as relações capitalistas de produção neste momento abordado.

Como já vimos, só é possível pensarmos o processo de desenvolvimento capitalista vinculado às suas relações de dominação e apropriação do espaço. Dessa maneira, observamos o movimento se readaptar frente as suas crises de sobreacumulação por meio da produção do espaço, criando novos ajustes espaço-temporais para o seu desenvolvimento, explicado em Ferreira (2011). Assim, entendemos que suas transformações se dão não apenas na esfera da produção, mas também no âmbito do consumo, que se acelera, a partir da crise do sistema fordista nos países centrais, durante os anos de 1970, contrastando com o atual regime de acumulação flexível. As cidades, que assumem um movimento sinérgico de crescimento verticalizado a partir da indústria, passam também a descentralizar-se espacialmente, ampliando sua concentração econômica. Assim, as novas tecnologias produtivas e as atuais formas organizacionais, possibilitaram a redução do tempo da produção e do consumo das mercadorias.

O autor chama a atenção para as novas formas de indução a esse consumo acelerado, impulsionado pela propaganda e pelo “marketing”. São produzidos cada vez mais símbolos e imagens que são comercializados enquanto sistema de signos e representações de mercadorias cada vez mais abstratas. Contudo, tal lógica, não se encontra desvinculada da mercadoria espaço, que a partir das práticas de empresariamento da cidade, tem suas imagens selecionadas e modeladas, com o fim de sintetizar e atrair investimentos em seu território. Sobre o marketing urbano, Bessa e Capanema Álvares (2014) entendem que o processo de produção de suas imagens promove a assimilação de informações, não necessariamente verdadeiras,

mas que são difundidas por diversas fontes, que reproduzem suas historicidades, seus fatos atuais, crenças, mitos, estereótipos, atributos culturais, entre outros elementos.

A produção dessas imagens ocorre de maneira simultânea aos investimentos e às políticas públicas direcionadas aos locais afetados, para que seja atendida minimamente a expectativa de seu consumo. Tendo isto como objetivo, são estimuladas a criação de marcos legais regulatórios e parcerias público/privadas de cunho estratégico para a garantia de rentabilidade envolvendo o negócio, sendo muitas das vezes o próprio Estado quem aplica o capital de risco. Assim, como estratégia de venda dos seus produtos, seus gerenciadores divulgam suas mercadorias espetacularizando-as e atribuindo nomes impactantes aos seus projetos, como nos evidencia Ferreira (2011). Esta racionalidade empresarial vem ganhando escopo e tem sido recorrentemente adotada pelos planejadores urbanos nos últimos anos. Diferente dos antigos projetos modernistas, com poder decisório centralizado, os modelos empresariais visam o espaço como instrumento e palco de negociações que objetivam o lucro privado.

Sob o viés tecnicista de gestão das cidades, o planejamento estratégico se fortalece enquanto instrumento de viabilização desses investimentos econômicos. Esses planos são difundidos aos países em desenvolvimento, por meio de instituições supranacionais como o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Fundo Monetário Internacional (FMI), Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), que se articulam com o Estado, financiando e ditando as diretrizes que devem ser seguidas pelos projetos urbanos se quiserem se sobressair perante a competitividade no mercado. Desta maneira, o governo do Rio de Janeiro passou a ter relações cada vez mais próximas com estes agentes, desde os anos de 1990, buscando com auxílio de consultores catalãs, estratégias na elaboração de seus planos diretores, que passaram a ser exigidos após a Constituição de 1988. Dentre as metas desejadas, tornar o Rio palco de grandes megaeventos era fundamental para a valorização de seu espaço. Foram assim desenvolvidos, após constantes investidas para nomeação à sede dos Jogos Olímpicos, diversos projetos de reestruturação urbana para inseri-la globalmente.

A concessão dada ao Rio à cidade sede da Copa do Mundo FIFA 2014 e das Olimpíadas Rio2016, alavancaram tais interesses, proporcionando uma, centralidade de fluxo do capital internacional, levando a valorização de imagens positivas enquanto cidade anfitriã. Conjuntamente, as alianças de governo envolvendo as três esferas de poder (Federal, Estadual e Municipal) que se formaram neste período, possibilitaram maior direcionamento de capitais

à cidade, incentivado por políticas de juros baixos e maior acesso ao crédito. Contudo, a necessidade de cumprimento do calendário FIFA e do COI, somada a uma maior flexibilização política do Estado para estes fins, fundamentaram o exercício de um Estado de exceção, que abarcado por interesses hegemônicos locais, impuseram seus negócios, tornando regra o que antes era considerado excepcional, pelo próprio exercício legal do Estado, conforme afirma Vainer (2016). Todo esse processo, apoiado em perspectivas de um possível legado gerado por tais investimentos, proporcionaram grande especulação no preço da terra local, evidenciado a partir dos dados fornecidos pela Secov Rio, que compreendem a variação do preço dos imóveis em diferentes localidades do Rio de Janeiro, entre os anos de 2002 a 2012.

TABELA 1 – Porcentagem da valorização do preço dos diferentes imóveis nos bairros do Rio de Janeiro entre os anos de 2002 a 2012.

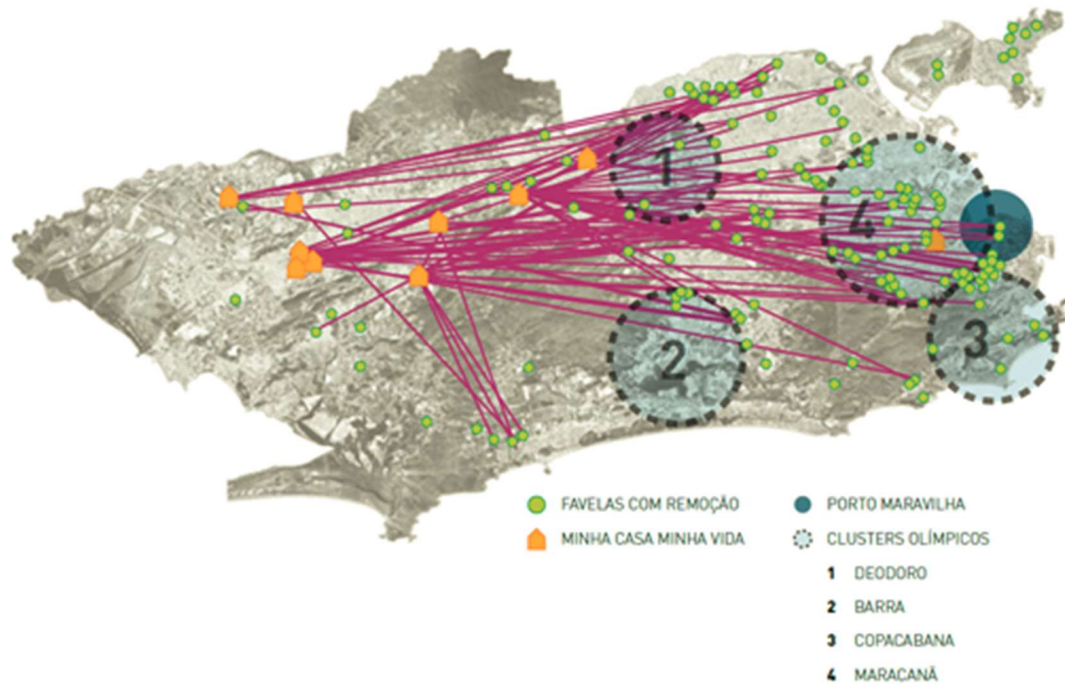
Bairros	Janeiro 2012				Janeiro 2002				AUMENTO (%)			
	1 quarto	2 quartos	3 quartos	4 quartos	1 quarto	2 quartos	3 quartos	4 quartos	1 quarto	2 quartos	3 quartos	4 quartos
Bangu	**	113.610	129.667	**	30.788	35.609	57.941	88.142	***	319,05%	223,79%	***
Barra da Tijuca	557.677	572.841	722.614	1.673.917	148.779	183.991	322.777	508.192	374,84%	311,34%	223,87%	329,39%
Botafoogo	480.481	702.125	963.959	1.499.439	101.708	170.737	246.070	313.333	472,41%	411,23%	391,74%	478,54%
Centro	244.647	372.507	441.667	**	50.433	69.571	81.428	114.545	485,09%	535,43%	542,40%	***
Copacabana	476.839	732.292	1.139.782	2.106.919	110.098	169.046	272.507	431.783	433,10%	433,19%	418,26%	487,96%
Flamengo	407.452	694.519	999.862	1.963.312	91.516	166.042	249.848	431.666	445,22%	418,28%	400,19%	454,82%
Gávea	848.750	1.045.161	1.537.333	2.341.455	175.454	303.333	362.933	482.307	483,75%	344,56%	423,59%	485,47%
Ilha do Governador	180.700	240.199	444.434	776.887	53.714	89.754	148.538	224.615	336,41%	267,62%	299,21%	345,87%
Ipanema	789.752	1.358.775	2.450.137	4.365.625	200.666	255.954	470.476	623.690	393,57%	530,87%	520,78%	699,97%
Irajá	95.333	191.513	211.951	333.000	42.375	52.538	70.538	108.750	224,98%	364,52%	300,48%	306,21%
Jacarepaguá	166.841	225.650	331.655	517.489	47.846	76.833	112.450	181.333	348,70%	293,69%	294,94%	285,38%
Jardim Botânico	**	946.938	1.360.967	2.787.028	155.294	224.687	321.071	482.333	***	421,45%	423,88%	577,82%
Lagoa	998.625	1.199.485	2.066.358	2.643.622	189.230	263.379	470.820	671.111	527,73%	455,42%	438,88%	393,92%
Laranjeiras	455.065	637.103	874.328	1.548.625	98.687	176.527	237.180	396.153	461,12%	360,91%	368,63%	390,92%
Leblon	991.786	1.396.388	1.825.350	3.955.888	204.916	340.958	474.982	701.153	484,00%	409,55%	384,30%	564,20%
Madureira	93.977	140.871	169.214	**	45.357	56.633	79.076	104.333	207,19%	248,74%	213,99%	***
Méier	149.063	233.581	297.310	436.625	49.176	66.050	89.851	131.833	303,12%	353,64%	330,89%	331,20%
Ramos	133.000	176.137	226.808	230.000	45.184	58.319	101.454	135.466	294,35%	302,02%	223,56%	169,78%
Santa Teresa	236.714	430.826	613.700	**	61.619	109.111	138.928	176.153	384,16%	394,85%	441,74%	***
São Cristóvão	157.000	258.990	408.154	**	42.642	62.812	86.666	118.461	368,18%	412,33%	470,95%	***
Tijuca	291.834	416.016	562.795	846.014	67.576	95.541	152.974	259.441	431,86%	435,43%	367,90%	326,09%

Fonte: Dados fornecidos pelo Secovi Rio

Fonte: (<http://r7.com/Pbm0>). Acessado em 07/08/2017

Com base nos valores fornecidos pela tabela, notamos Botafogo sendo o sétimo bairro mais valorizado neste período, ficando atrás de Copacabana, Leblon e Ipanema, dentre os bairros da zona sul que foram atendidos por políticas de *citymarketing* em suas favelas. No entanto, tamanha especulação foi acompanhada de um movimento de reorganização urbana, estimulado com a abertura de novas fronteiras à reprodução do capital privado na cidade, com destaque para a região central portuária e a Baixada de Jacarepaguá. A instalação de equipamentos olímpicos em áreas estrategicamente selecionadas, para a valorização local, seguido dos investimentos públicos em diversos setores como no de transporte e de habitação, possibilitaram o reajuste espacial da cidade, guiado pelos interesses empresariais vigentes. Por outro lado, compreendemos a partir da pesquisa feita por Faulhaber e Azevedo (2015), os impactos de tal processo sobre aqueles indivíduos que mais se encontravam fragilizados a respeito do acesso à terra. Neste contexto, observamos as numerosas políticas de remoção atingirem novamente as áreas de favelas, dando origem a novos espaços para a especulação e empreendimentos público privados. Contudo, essas remoções foram acompanhadas, ainda que precariamente, de políticas de reassentamento como o Minha Casa Minha Vida, direcionado em maior parte para a zona oeste da cidade. A transferência das classes mais pobres às regiões mais afastadas das elites, intensificou o processo de segregação espacial no Rio de Janeiro, constituindo as novas vias expressas atendidas pelo sistema de *Bus Rapid Transit* (BRT), importantes para as estruturas de hierarquização do espaço.

MAPA 1 – Favelas com remoções e os empreendimentos do Minha Casa Minha Vida.



Fonte: <https://brasil.estadao.com.br/blogs/estadao-rio/livro-mapeia-remocoes-de-moradores-na-gestao-de-eduardo-paes/>

A produção espacial da cidade, gerou imagens que reproduziam um imaginário hegemônico, expressando o sucesso e a prosperidade de seu modelo econômico. Dessa forma, as favelas, que por sua vez sintetizam a aversão aos espaços formais da cidade neoliberal, sofreram com o ocultamento de suas imagens. Este processo revelou-se por meio não apenas das remoções, mas pela transformação das suas representações, que reforçavam a ideia de um espaço socialmente integrado, coeso e livre de contradições. Nos referimos neste momento a produção do *citymarketing* sobre as favelas, vinculando imaginários que promoviam a cidade marca e os megaeventos. Sanchez e Guterman (2016) afirmam que essas representações são compostas de um conjunto de símbolos, capturados tanto da paisagem quanto da cultura, para sintetizar a imagem do *ethos* carioca que está sendo vendido. Nesta perspectiva, as favelas são vistas de maneira romantizada e pacífica, vinculando suas formas de habitação e seus moradores como traço particular da cultura local, como evidenciamos nas figuras 1 e 2. Assim, tais fantasias visuais são criadas, corporificando os desejos daqueles que possuem o poder de modelar o espaço urbano, materializando seus interesses, segundo Broudehous (2016).

FIGURA 1 – Banner dos Jogos Olímpicos Rio2016 produzido pelo artista Kobra



Fonte: <http://www.pigmum.com/blog/posteresolimpicos>

FIGURA 2 – Animação de abertura das partidas da Copa do Mundo FIFA 2014



Fonte: <http://sportv.globo.com/copa/videos/v/fifa-divulga-clipe-de-abertura-das-transmissoes-da-copa-do-mundo-de-2014/3346095/>

Essas estratégias consolidaram-se em algumas favelas cariocas, a partir das políticas de urbanização, como o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) desenvolvido pelo governo federal e o Morar Carioca, que substituiu até então o antigo Favela-Bairro, ambos sob responsabilidade do poder municipal. Em paralelo, foram criadas as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), administradas pelo estado, com o fim de assumir o controle da segu-

rança pública em favelas estrategicamente selecionadas. Esta medida se mostrou determinante na ressignificação da representação favela, que a partir desse momento teve seus imaginários de violência e medo, distanciados de sua imagem, possibilitando a reprodução do capital turístico, que se ampliou sobre esses territórios ocupados, tornando-se peça chave para o fortalecimento da imagem de cidade vitrine, segundo Machado (2010).

Com base em Freire-Medeiros (2006, 2007), reconhecemos que os interesses turísticos nas áreas de favelas cariocas não são recentes. A presença desses espaços nas paisagens que historicamente compuseram a vitrine internacional do Brasil, causaram inúmeras preocupações aos administradores locais, preocupados com a imagem do país, todavia tais ocupações chamavam a atenção pela sua particularidade, carregada de exotismo, como já vimos. Esse outro mundo chamado “favela” que era explorado apenas por peregrinos, viajantes e pesquisadores, passa após a Eco-92 a ser apropriando como mercadoria turística. Porém, como os promotores turísticos convencem potenciais clientes a visitar um lugar associado à pobreza e à violência?

O processo de diversificação das formas de consumo se deram na atividade turística, entre outras maneiras, na criação de *reality tours* especializados, distintos dos roteiros controlados, previsíveis e regados de conforto, os quais promovem o turismo de massa. Este turismo alternativo vem procurando atender cada vez mais os desejos particulares de seus clientes, que procuram valores como a “autenticidade”. O conjunto de emoções intensas e extremas que surgem a partir de experiências vividas, e que vão além do contemplativo, estas ideias sustentam a noção do que se percebe como “autêntico”, segundo Freire - Medeiros (2007). Assim, os promotores turísticos criam a partir da favela, os mais variados *tours* que possam corresponder à experiência de “autenticidade”, explorando os múltiplos conteúdos consumíveis gerados pelo cotidiano. Por outro lado, contraditoriamente à ideia de autenticidade, o que se observa por parte dos turistas é a procura por experiências que atendam as idealizações já preestabelecidas por tais promotores. O “autêntico” se confunde assim com as próprias formas de sociabilidade que essa atividade desenvolve, desvirtuando o próprio sentido do que seria o real, ou próprio do cotidiano local. Estas experiências abrangem os mais diversos interesses que vão do entretenimento, aos passeios rememorativos e atividades educacionais.

O capital turístico também desenvolve como estratégia de consumo do “espaço - favela”, o seu *trademarck*, simbolizando nas representações de seu espaço, um conjunto de

signos que estruturam a sua marca. Dessa maneira, observamos que essa produção transcende o território, promovendo imaginários sobre o que viria a ser “o descolado”, “o brasileiro” ou o “reciclado”. A favela-marca passa a ser vinculada a diversos outros produtos comercializados tanto no local, como internacionalmente, estampando vestuários, decorando restaurantes, casas de festa e servindo também de cenário para palco de eventos como o Rock in Rio, que promoverá em seu espaço, atrativos culturais como samba e a culinária de botequim, conforme podemos constatar na figura 3 abaixo. Um outro atributo que incorpora valor à marca, são as paisagens, sempre fazendo referência aos outros símbolos da vitrine carioca, como o Pão de Açúcar, o Cristo e as praias. Favela e paisagem aparecem dessa maneira como elementos complementares para esses interesses, como afirma Souza (2013).

FIGURA 3 – Espaço favela idealizado para o Rock in Rio 2019



Fonte: <https://oglobo.globo.com/cultura/rock-in-rio-anuncia-espaco-favela-para-edicao-de-2019-22627218>

Por outro lado, a partir da própria natureza de reprodução do capital, são desenvolvidos por meio da atividade turística, processos de desenvolvimentos geográficos desiguais, visto que somente algumas favelas participam desse processo. A desigualdade ocorre entre aquelas favelas que sofreram remoções e aquelas que tiveram seus territórios recortados por muros para que se tornem “invisíveis” ao olhar estrangeiro, como ocorre no complexo de favelas da Maré. Neste segundo caso, chama a atenção que estes muros carregam em si ilustrações que retratam os mesmos símbolos hegemônicos da cidade vitrine, se sobrepondo ao mesmo espaço que é simbolizado por vezes nesta mesma vitrine.

FIGURA 4 – Barreira acústica que separa Via Expressa Presidente João Goulart e o complexo de favelas da Maré



Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/07/1790702-rio-de-janeiro-comeca-a-passar-por-processo-de-embeleçamento-para-os-jogos.shtml>

FIGURA 5 – Remoções da comunidade Vila Autódromo onde foi construído o Parque Olímpico



Fonte: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/09/politica/1457483606_611233.html

No contexto desse desenvolvimento desigual abordado, chamaremos a atenção, para as formas de controle do Estado sobre essas áreas, entendendo que as estratégias de policiamento adotadas durante a realização dos megaeventos, foram cruciais para a completa realização do capital turístico e consequentemente do capital imobiliário. Contudo, vamos analisar brevemente os objetivos e as manifestações destes interesses que envolveram a histórica política de segurança no Rio de Janeiro.

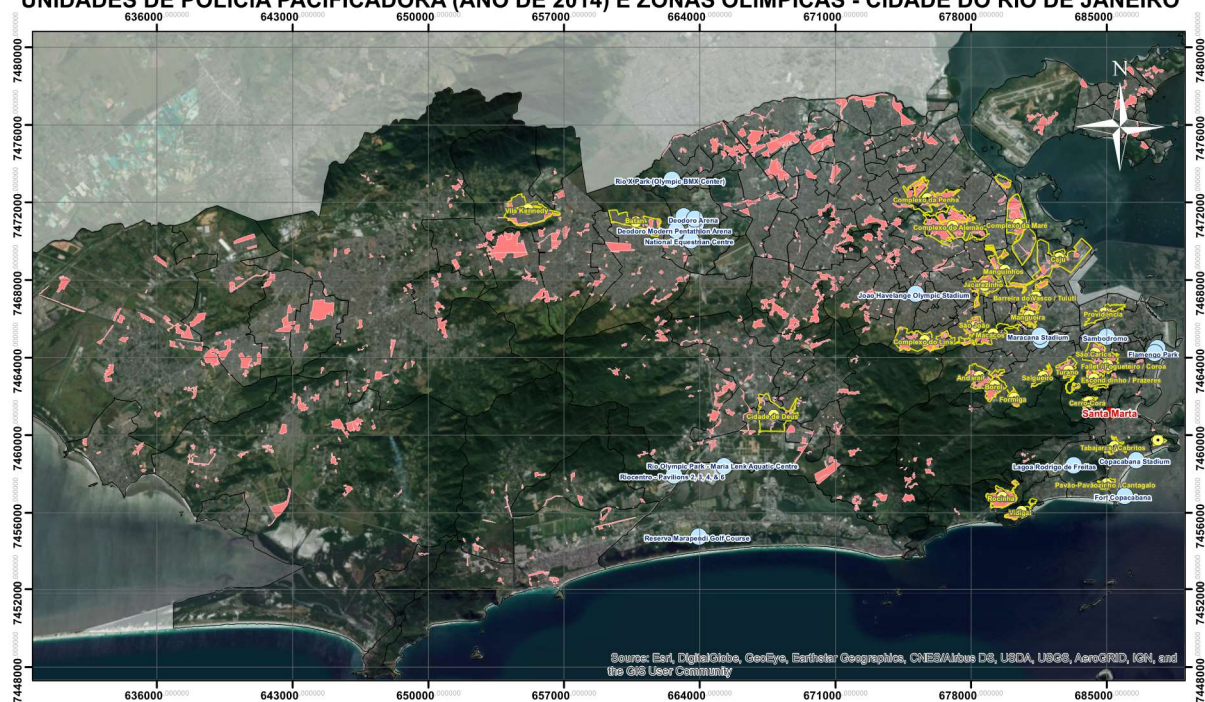
1.2 – As Unidades de Polícia Pacificadora

Como vimos até aqui, a fragilidade social que se apresenta nas favelas as tornam propensas à dominação por facções criminosas, que movimentam sob seus territórios, lucrativos negócios que geram a disputa armada pelo controle de suas áreas. Assim, os confrontos que se formaram entre diferentes grupos e as forças do Estado, geraram para cidade do Rio de Janeiro, históricos episódios de violência que a mancharam internacionalmente. Contudo, a eleição da cidade como sede dos megaeventos tornou necessária a criação de políticas mais restritivas a tais grupos, que garantisse a ordem hegemônica do Estado. Desta maneira, a Secretaria de Estado de Segurança do Rio de Janeiro, criou, em parceria com as esferas Federal e Municipal, as Unidades de Polícia Pacificadora (UPP), que tinham como objetivo a retomada permanente de comunidades dominadas pelo tráfico, garantindo a proximidade entre Estado e a população local.

O programa, inspirado no modelo colombiano de segurança pública utilizado em cidades como Medellín e Bogotá, foi aplicado no Rio com o propósito de instruir ações policiais voltadas para o enfrentamento de grupos criminosos armados nas favelas. Seu projeto se estruturava inicialmente a partir da intervenção tática militarizada, seguindo de um processo de estabilização e consolidação da sua ocupação territorial. Paralelamente, defendia-se a aplicação de investimentos que objetivassem a melhoria de serviços públicos na área de saneamento, moradia e transporte, potencializando o comércio local. Estas etapas configuravam a divisão do projeto em dois, que se iniciava com as UPPs, possibilitando posteriormente o desenvolvimento da UPP Social.

Criado na gestão do governador Sérgio Cabral, o programa teve seu início em dezembro de 2008, com a ocupação da favela Santa Marta, abrangendo nos anos seguintes até 2014, outras 37 favelas como nos ilustra o mapa na página seguinte.

UNIDADES DE POLÍCIA PACIFICADORA (ANO DE 2014) E ZONAS OLÍMPICAS - CIDADE DO RIO DE JANEIRO



Legenda:

Localização

- UPP - Santa Marta
- Territórios UPP (2015)
- Limites UPPs
- Instalações Olímpicas

Limites

- Favelas da Cidade do Rio
- Bairros da cidade do Rio de Janeiro
- Estado do Rio de Janeiro

1 centímetros = aprox. 2.048 metros

0 2.800 5.600 11.200 Metros (aproximadamente)

Sistema de Coordenadas: SIRGAS 2000 - UTM Zona 23s
 Fonte dos dados: (UPPs e Favelas) Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro - (PrefeituraRio - ArcGis.com)
 Limites - Base Cartográfica Continua IBGE (2017)
 Olympic Venues - COI (2013)



O projeto atingiu prioritariamente as áreas que receberiam as instalações olímpicas, promovendo um cordão de segurança pública nos locais mais valorizados da cidade e da região metropolitana, objetivando que esses territórios retomados servissem não apenas para garantia de segurança aos megaeventos, mas também para promover uma nova imagem da cidade, “pacífica” e livre de barreiras à circulação do capital. Entretanto, muitos foram os questionamentos a respeito desse “novo” modelo de segurança, que apesar do discurso de pacificação, não solucionou o problema da violência nas favelas.

De fato, o que se evidenciou no processo de ocupação dessas comunidades, foi uma reorientação do controle desses espaços, deslocando o tráfico para outras áreas da cidade, à medida em que o Estado reassumia territórios. Nesta dinâmica, percebemos a reprodução da lógica de militarização do espaço, substituindo a figura do traficante fortemente armado, pela do policial com o mesmo armamento. Antes marcadas por pichações referentes ao domínio de cada facção, as favelas passaram a ter bandeiras do Brasil hasteadas, como símbolo da presença do Estado. Contudo, as áreas eram vistas como territórios do inimigo e não dos moradores, gerando rejeições e conflitos ao projeto das UPPs, que demonstravam adotar um modelo de segurança pública particular nas favelas, distinguindo-as do resto da cidade. Foram inúmeros os episódios de repressão policial, envolvendo casos de violações de direitos e de desaparecimentos, muitos deles ocultados pelo governo e pela mídia, que promoviam o sucesso de tal política.

Apesar dessas medidas terem atingido fortemente a população que residia nesses locais, ao mesmo tempo proporcionaram a supervalorização da propriedade privada nas áreas de interesse da cidade, como já evidenciamos, aprofundando tal lógica sob as comunidades ocupadas. Este movimento, com destaque para as favelas da zona sul, gerou uma reorganização destas ocupações, impactadas pela especulação local e pelas novas demandas urbanísticas impostas pelo estado. Nesta zona da cidade, as remoções foram justificadas pela proteção de áreas de risco, sendo acompanhadas discretamente dos programas de urbanização que reassentavam no local as famílias atingidas. Sob tal controle do Estado, foi possível a chegada de serviços regulamentados como luz, água e TV a cabo, encarecendo naturalmente o custo de vida nessas áreas, propiciando as chamadas “remoções brancas”, ocorridas pela incapacidade de o morador local arcar com os custos exigidos, se vendo obrigado a mudar para locais mais distantes.

Assim, constata-se que o direito à segurança pública se restringe apenas às classes hegemônicas e aos interesses do capital, excluindo aqueles indivíduos de mais baixa renda. Isto se torna perceptível no caráter pontual em que se desenvolveu o programa das UPPs, atendendo ainda que de forma precarizada, pautas da UPP Social somente em áreas de interesse à especulação imobiliária. Assim, presenciamos a intervenção das forças armadas no complexo de favelas da Maré, onde foi prometida a instalação de uma unidade, a qual nem se quer saiu do papel. Em contrapartida, favelas como Vidigal, Rocinha e Santa Marta, receberam grandes investimentos públicos e privados, que as tornaram modelo do programa e ponto turístico. Outra questão que nos cabe levantar, é o baixo número de favelas ocupadas na zona oeste, o menor dentre as quatro regiões, onde se concentram bolsões de pobres que mais crescem na cidade, sendo dominados, em maioria, por grupos de milícia. Todavia, o distanciamento destas ocupações frente as áreas mais abastadas, não as tornaram interessante a tais investimentos de segurança.

Reconhecendo a produção desigual do espaço da cidade, nos chamou a atenção o processo de transformação das favelas valorizadas pelo processo aqui descrito. O interesse na observação de um legado destinado a estas favelas, nos levou a observar a comunidade Santa Marta, acreditando que o rótulo de favela-modelo, poderia ocasionar uma efetiva transformação em seu espaço, ressignificando-o. Ainda que frágil, o projeto de UPP Social desenvolvido no local e abarcado pela lógica do *citymarketing*, seria o bastante para mudar os problemas vividos por seus moradores?

CAPÍTULO 2 - A PRODUÇÃO DO ESPAÇO E O *CITYMARKETING* DA FAVELA SANTA MARTA.

Reconhecida como uma das favelas que mais se evidencia pelos interesses de *citymarketing* desenvolvidos para a cidade do Rio de Janeiro, a favela Santa Marta privilegia-se pela sua localização, fazendo divisa entre bairros nobres da cidade como Botafogo e Laranjeiras. Por outro lado, a permanência de seus moradores no local, não diferentemente das demais favelas, se deu por meio de históricos conflitos de resistência, que consolidaram a formação do espaço do Morro Dona Marta. Resultado dos processos de desenvolvimento geográfico desigual que se estabeleceram sob a localidade, a favela em questão tem sua origem ligada a construção da igreja de Santo Inácio, pertencente a escola que possui o mesmo nome. Em 1924 durante a realização das obras, lideranças religiosas da escola concederam aos operários envolvidos, parte dos seus terrenos para o abrigo desses trabalhadores. Todavia, a ocupação do morro prosseguiu nos anos seguintes, mesmo após o término da construção, servindo de destino a muitos agricultores que se viram obrigados a migrar para a cidade após a crise do café em 1929. A comunidade também passou a receber ex-escravos vindos de Minas Gerais e diversas famílias pobres, das demais regiões do interior fluminense, ao longo da década de 1940, segundo Barcellos (2015).

O processo de ocupação do morro, se deu a partir da luta de seus moradores, apoiados por clérigos, defensores de ideais progressistas que entendiam que favelas como a Santa Marta deveriam receber políticas assistencialistas ao invés de serem removidas, como pregavam as campanhas políticas do governador Carlos Lacerda durante os anos de 1960. Dessa forma, figuras como o bispo Dom Hélder Câmara atuaram em defesa dos moradores locais, deixando como legado a construção das capelas de Nossa Senhora Auxiliadora na parte baixa da favela e da Santa Marta, instalada no pico do morro. Estas obras tornaram-se importantes marcos sociais para a comunidade, que foi beneficiada pelo Pacto Nacional Populista, o qual fundia os interesses sociais da Igreja às políticas de proteção aos pobres de Getúlio Vargas. As capelas serviram muitas vezes de abrigo aos trabalhadores sem teto que chegavam em massa do Nordeste, atraídos pela oferta de emprego gerada nas construções dos prédios em Copacabana, naquele período, como afirma Barcellos (2015, p. 65).

Outra conquista alcançada pelos moradores e com o apoio do bispo, foi a construção do reservatório de água potável do morro, dando origem ao sistema de mutirões administrados

por representantes da Igreja. O sucesso desses mutirões proporcionou a comunidade, durante os anos 60, o desenvolvimento de infraestruturas mínimas, como a redistribuição de água para as casas e o acesso à energia elétrica fornecida pela Light, vitória que teve o apoio do antigo Círculo Operário Católico. Os laços estreitos entre a comunidade e Igreja, possibilitaram avanços na representatividade política dos moradores, levando por exemplo, a antiga comissão de luz criada para administrar os pagamentos do serviço, a se tornar a associação de moradores da favela. Não por acaso, as principais vias que cortam a Santa Marta receberam o nome de Padre Velloso e Padre Hélio, figuras que agiram em defesa da favela.

Os anos de 1980 foram importantes para a consolidação da comunidade, que recebeu a partir das políticas de Leonel Brizola, materiais de alvenaria para a reforma das construções no morro, possibilitando também a pavimentação de becos e vielas. Essas obras, feitas pelos mutirões da favela, tornaram o retângulo de ocupação da comunidade impermeabilizado, protegendo em parte, a área das infiltrações das chuvas que gerava deslizamentos do terreno. Desastres naturais como esses eram comuns em um morro que apresenta uma cota altimétrica elevada, com inclinações superiores a 60 graus em alguns pontos. Por outro lado, o difícil acesso ao local, corroborou para a ocupação do tráfico na favela, promovendo históricos confrontos armados como a guerra de 1987, episódio marcado pela intensa disputa dos pontos de venda de droga do local.

Ainda que reconheçamos os avanços no processo de consolidação da Santa Marta, observamos seu caráter desigual se perpetuar, e aprofundando-se ainda mais com a acentuação dos fenômenos de violência gerados pelo domínio de facções criminosas. Da mesma forma, entendemos que a proximidade entre a favela e os bairros de classe média/alta, torna mais evidente as manifestações de sua pobreza e dos grupos que a controlam. O grotesco contraste dessa desigualdade, somado à paisagem que o morro oferece das imagens símbolos da cidade-vitrine, como o Pão de Açúcar e o Cristo, chamaram a atenção internacionalmente levando a comunidade a receber a visitas de empresários e famosos, dentre eles o artista Michael Jackson. Sob a direção de Spike Lee, o músico produziu parte de seu clip na favela Santa Marta em 1995, na sua obra *"They Don't Really Care About Us"*, com o objetivo de promover uma crítica social das populações mais pobres. Embora a crítica do clip seja pertinente, percebemos ao mesmo tempo, o uso da imagem da Santa Marta enquanto representação sintetizada do que viriam a ser as favelas do Brasil, revelando seu próprio caráter desigual frente a outras comunidades.

Outro acontecimento marcante envolvendo tal produção, foi o questionamento das autoridades locais frente a escolha do local do clip, visto que o mesmo divulgaria imagens negativas do país. Entre os críticos estavam o secretário estadual de Comércio e Turismo do Rio de Janeiro, Ronaldo César Coelho e o ministro dos esportes Edson Arantes do Nascimento. A decisão pelo local das filmagens se polemizou mais ainda quando a imprensa, sob respaldo da Polícia Militar, divulgou que os acordos financeiros para realização do clip se deram entre os traficantes locais, liderados por Marcinho VP. Assim, a incapacidade do Estado em administrar o usufruto de tal interesse manifestado sobre as favelas, se tornou evidente, colocando-o à margem das negociações. Episódios como este serviriam de exemplo para a formação de novas estratégias de controle sobre este espaço, que poderia ser melhor explorado enquanto produto turístico, durante a vinda dos megaeventos a cidade.

2.1 – *Citymarketing* e a favela Santa Marta

A escolha inicial para o desenvolvimento das estratégias de controle do Estado sobre as favelas se deram na Santa Marta não por acaso. Situada num espaço valorizado da cidade, esta ocupação apresenta dimensões pequenas quando comparada as demais favelas do Rio. Numa área de 53.706 m², a comunidade abriga 3.913 habitantes, nos seus 1.176 domicílios (IBGE, 2010), números que facilitam a operação do Estado no local. Não somente, os poucos acessos ao morro, um na parte baixa pela Praça Corumbá e o outro no topo, pela Rua Oswaldo Seabra que liga a favela ao bairro de Laranjeiras, corroboraram para a ocupação da Polícia Militar, com a instalação da primeira UPP do Rio de Janeiro. Ainda que pegos de surpresa com a implementação do programa, tal política não só obteve a aprovação de grande parte dos moradores como também possibilitou o desenvolvimento de novos investimentos no local. Com o efetivo de 125 policiais, a ocupação trouxe a sensação de “segurança” e “tranquilidade”, iniciando o processo de aproximação entre policial e morador.

FIGURA 6 – Unidade de Polícia Pacificadora da favela Santa Marta



Fonte: <https://brasil.estadao.com.br/noticias/rio-de-janeiro,policia-prende-suspeito-de-ter-atacado-upp-santa-marta,1717980>

Poucos meses após a ocupação, a Light regularizou o fornecimento de energia elétrica, ampliando a tributação do serviço na favela. Foram substituídas as ligações clandestinas pelo sistema regularizado, com medição de consumo para cada residência. Conforme o levantamento feito por Cunha e Mello (2011) 90% dos domicílios locais não obtinham o acesso legal do serviço, situação que se alterou após a chegada da UPP, passando a atender 1.594 famílias das 73 que antes eram atendidas. O desenvolvimento do serviço regularizado, prestado pela empresa, garantiu a fiscalização e a distribuição de energia na comunidade, iluminando becos e vielas. A Light também mapeou o local, reconhecendo e identificando os logradouros locais, de modo a garantir que a entrega da conta de luz fosse feita a partir de então diretamente em cada residência. Isto fez com que a Santa Marta fosse reconhecida pela primeira vez no mapa oficial da cidade, entrando em processo de endereçamento de seu espaço.

Paralelamente, a favela foi atendida pelo Programa de Aceleração do Crescimento, criado em 2007 pelo governo federal, com o objetivo de promover grandes obras de infraestrutura social, urbana, logística e energética para o país. O programa chegou ao Santa Marta em sua primeira fase em 2009, investindo R\$ 38 milhões de reais em obras, que geraram para a favela um plano inclinado com cinco estações, delimitando a borda direita da favela, para quem a olha de frente. Já o lado esquerdo da comunidade, foi delimitado pela construção de um muro, que foi justificado sob a prerrogativa de proteger a vegetação das encostas. De acordo com a Secretaria de Estado de Obras, a primeira fase do projeto entregou ao local 95 moradias, efetivou a melhoria de 211 imóveis, além de reformar e ampliar a creche local, oferecendo capacidade para 100 crianças. No que se refere a infraestrutura, a Secretaria alega ter

promovido melhorias na rede de esgoto e na coleta de lixo, qualificando o serviço de distribuição de água, fazendo 1500 ligações domiciliares, pavimentando vielas, drenando o solo, construindo áreas de lazer e um campo de futebol situado próximo a UPP no pico no morro.

FIGURA 7 – Ecomuro Santa Marta



Fonte: <http://www.anf.org.br/o-muro-da-discordia/>

FIGURA 8 – O Plano Inclinado e as primeiras moradias entregues pelo PAC



Fonte: <http://www.rj.gov.br/web/imprensa/exibeconteudo?article-id=73081>

Em 2010 a favela se tornou pioneira do programa *Rio Top Tour*, desenvolvido a partir do convênio entre Ministério do Turismo e a Secretaria de Estado de Turismo, Esporte e Lazer do Rio de Janeiro. O objetivo do projeto foi aproveitar o potencial turístico das favelas, procurando a inclusão dos respectivos moradores, oferecendo oportunidades de qualificação e auxílio no investimento de atividades que estivessem relacionadas com o turismo. Para isso, foi criada a Investe Rio, agência de fomento do Governo do Estado, a qual oferecia uma linha de crédito aos investidores locais, indo de R\$ 300 reais a R\$ 6 mil reais por negócio. Ao todo o programa recebeu 230 mil reais de investimento, sendo R\$ 184 mil do Governo Federal e R\$ 46 mil do Estado. O *Rio Top Tour* também conta com a parceria do SEBRAE, identificando atividades econômicas da favela que poderiam se transformar em oportunidades de negócios turísticos, complementando os já existentes. O órgão tem responsabilidade de promover oficinas de empreendedorismo para aqueles que quiserem fazer negócio com turismo, oferecendo apoio na formalização do trabalho e na capacitação

profissional, proporcionando por exemplo consultorias de design para trabalhadores locais que estejam interessados em trabalhar nos segmentos de moda e artesanato.

FIGURA 9 – Cabine de informações turísticas Rio Top Tour



Fonte: <http://checkinpelomundo.blogspot.com/2013/04/rio-de-janeiro-favela-tour-no-santa.html>

Em conjunto, o PAC entrou em sua segunda fase na Santa Marta em janeiro de 2012, investindo R\$ 8,1 milhões da verba estadual. Neste segundo momento, o programa voltou-se para a melhoria habitacional da favela, prevendo a construção de 64 unidades habitacionais, próxima a entrada do plano inclinado e outra perto do muro de contenção à esquerda do morro. Além disso, estavam previstas a reforma de 225 residências, promovendo melhores condições de habitabilidade, incluindo a regularização fundiária de 450 casas. Sob parceria da Empresa de Obras Públicas (EMOP), o programa criaria um centro comunitário de ação social, somado à construção de um prédio de 4 andares, com 15 salas e lanchonetes próxima à estação 5 do plano inclinado. Foi planejado também, o reflorestamento de áreas devastadas, aumentando o efetivo na prevenção de desabamentos. Para o cumprimento desta medida seriam avaliadas as áreas de risco, removendo as famílias que deveriam ser cadastradas e indenizadas por um aluguel social, até receberem suas novas casas. Já a antiga moradia, a princípio, seria demolida para a preservação da encosta. Sobre a prerrogativa de gerar um legado de paz e moradia digna à comunidade, o então vice-governador e coordenador executivo de infraestrutura, Luiz Fernando Pezão, deu início às intervenções, prevendo a conclusão das obras ainda no mesmo ano. O PAC 3 embora não tenha se concretizado, chegou a estar em processo de licitação. Nesta etapa planejou-se a construção de 128

unidades habitacionais, áreas de lazer, um centro de treinamento esportivo, promovendo a melhoria de 232 imóveis e a regularização fundiária de mais 630 moradias. Estimava-se o investimento de R\$ 17 milhões com recursos do governo federal.

FIGURA 10 – Modelo de Conjunto Habitacional pensado para a favela Santa Marta



Fonte: <http://www.rj.gov.br/web/imprensa/exibeconteudo?article-id=730816>

Esse conjunto de estratégias propiciou que o capital turístico obtivesse condições de se reproduzir, materializando-se no espaço. Foram criados sistemas de sinalização turística bilíngue e moldes adotados para o *trade* do turismo em geral. A Praça Corumbá ganhou um posto de informações para os visitantes, com panfletos e sinalizações dos 34 pontos criados para serem visitados na favela. Dentre eles, destaca-se a estátua do artista Michael Jackson, elaborada como uma homenagem a sua visita ao local. A estátua se tornou o principal símbolo turístico da Santa Marta sendo realizada como parte das obras de “revitalização” da antiga laje do ambulatório, nomeada atualmente como Espaço Michael Jackson. A obra foi uma realização das parcerias entre as tintas Coral, a Associação dos moradores do Santa Marta, junto com governo do estado e a prefeitura. A empresa de tintas, também desenvolveu na favela, o projeto “Tudo de Cor para Você”, no início de 2013, contando com a participação de artistas locais, moradores e voluntariados na pintura de casas e áreas de lazer. O tenista Gustavo Kuerten, padrinho oficial da ação, fez parte do marketing do programa que pintou mais de 300 casas, trazendo um novo astral para a comunidade, segundo o presidente da empresa Jaap Kuiper.

FIGURA 11 – Revitalização Espaço Michael Jackson



Fonte: <http://www.riodejaneiroblog.com.br/2014/02/espaco-michael-jackson-no-santa-marta.html>

FIGURA 12 – Sinalizações Turísticas



Fonte: <https://www.treehugger.com/urban-design/the-urbanization-of-rio-de-janeiro-slums-a-model-for-sustainable-development.html>

FIGURA 13 – Praça Cantão antes de ser atendida pelo programa da Coral.



Fonte: <http://ultimosegundo.ig.com.br/perspectivas/2010/um-ano-apos-pacificacao-morro-dona-marta-e-usado-como-vitrine-do-governo/n1237592885608.html>

FIGURA 14 – Praça Cantão depois de ser atendida pelo programa da Coral.



Fonte: <https://www.rdj4u.com/en/bike-tour-with-santa-marta-favela.html#.W1kMV7hrzIU>

Houve também investimentos para a instalação de painéis solares em espaços comunitários da favela, fruto da parceria entre a Shell e a Insolar, empresa que promove o forneci-

mento de equipamentos para obtenção de energia solar em áreas de baixa renda. O projeto ganhou força com o alto custo gerado pelo consumo de energia elétrica regulamentado, passando a atender segundo a empresa áreas como a quadra da escola de samba local, o centro comunitário e as creches. Neste período também foram inauguradas uma Clínica da Família e um laboratório da Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC). Foram abertas na favela uma loja de conveniência Casa & Vídeo e um posto bancário Bradesco, com apenas um funcionário realizando atividades gerenciais, relacionadas à concessão de créditos, dispondo também de um caixa eletrônico.

A chegada desses capitais impulsionou a especulação do preço da terra, acompanhando assim, a mesma lógica especulativa incentivada em bairros como Botafogo, que vinham sendo valorizados pelo capital imobiliário nesta época. Este movimento gerou amplas transformações no espaço da favela e no seu entorno, levando por exemplo a transferência do antigo 2º Batalhão da Polícia Militar para a Rua Álvaro Ramos, dando lugar a um grande empreendimento imobiliário à frente da Santa Marta, voltado para a classe média. Já na favela, observou-se um aumento em até 200% no preço dos aluguéis de imóveis de quarto e sala, chagando a custar na época R\$ 450 reais a mensalidade de um imóvel no alto da favela.

FIGURA 15 – Antigo 2º Batalhão da Polícia Militar do Rio de Janeiro



Fonte: <https://mapio.net/pic/p-91496304/>

FIGURA 16 – Condomínio Largo dos Palácios



Fonte: Autoria Própria

No momento em que esses processos ocorreram, o outro lado do desenvolvimento geográfico desigual também se concretizou no espaço da favela Santa Marta. Foi possível notar por meio de trabalhos de campo e na conversa com os entrevistados, que a comunidade se organiza historicamente de maneira desigual, concentrando os imóveis mais valorizados na parte baixa da comunidade, enquanto que as casas mais para o topo, são mais desvalorizadas. No entanto, acreditamos que a após a instalação da UPP, pondo fim aos conflitos que se davam pelas invasões na parte alta do morro, este padrão tenha sofrido alterações, ainda que num curto período de tempo. As reformas, e muito do comércio local voltado para o turismo, concentrou-se próximo aos conjuntos habitacionais e o Espaço Michael Jackson, com fácil acesso do plano inclinado parando nas estações 3 e 4. Esta centralidade torna-se evidente ao olharmos a favela e perceber seu caráter desigual a partir do contraste entre as moradias pintadas que se situam entre estas estações, e as demais que não participaram, ou foram excluídas dos respectivos programas.

FIGURA 17 – A concentração de investimentos na favela evidenciados pelas casas coloridas



Fonte: <https://www.coral.com.br/pt/campaign/swell>

Embora seja reconhecido os pequenos avanços obtidos na favela, muitos foram os conflitos gerados na aplicação dos projetos, que revelaram seu caráter excludente e frágil, frente à problemática das favelas. Sobre estes investimentos, tornou-se evidente nos anos seguintes, “pós” megaeventos, um processo de abandono destes projetos, que na teoria serviriam de legado a população do local. A seguir discutiremos um pouco a respeito das controvérsias

destes programas, que foram extremamente eficientes para valorização da propriedade privada, ao mesmo tempo que excluiu os mais pobres de tal processo.

CAPÍTULO 3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

À medida em que acompanhamos o desenvolvimento destes capitais sobre a favela Santa Marta, evidenciamos mais claramente suas contradições, tanto no discurso, quanto na materialização de seus projetos. Esses investimentos direcionados à favela e constantemente propagandeados pela mídia, alimentaram o processo de especulação do preço da terra local, como vimos. No intuito de amortecer os impactos gerados por esta valorização, o PAC prometera regularizar ao longo de suas fases, a posse de 1.080 moradias no total, porém este número não chegou perto da metade. Sendo assim, tanto os moradores de aluguel, quanto os que não tinham a titularidade da terra reconhecida, sofreram com a valorização local, se vendo obrigados a se mudar para áreas mais acessíveis. Paralelamente, observamos o aumento na procura por casas na favela, estimulando investimentos no mercado de aluguéis, tanto na construção de puxadinhos quanto na ocupação de novos terrenos no local. Estes fatores, levaram ao processo de mudança do perfil sócio econômico dos moradores do morro, movimento denunciado pelos mais afetados com as chamadas remoções brancas ou silenciosas.

FIGURA 18 – Moradores denunciam o movimento de “remoções brancas”



Fonte: <http://observatoriodasmetropoles.net.br/wp/gentrificacao-periferica-das-favelas-no-rio-de-janeiro/>

FIGURA 19 – Moradores que vem sendo atingidos pelo processo de gentrificação local



Fonte: Autoria própria

Dentre as alterações mais sentidas pela população local, está o processo de regularização do serviço de energia elétrica. Embora a Light tenha buscado diversas estratégias de baratear os gastos do morador com o serviço, como nos mostrou Cunha e Mello (2011), o

projeto apresentou falhas na sua implementação. Muitos foram os casos de reclamação dos moradores frente as tarifas elevadas, não condizentes com o nível de consumo real de algumas famílias. O problema gerou revolta e medo da população, que protestou nas reuniões da associação de moradores e nas ruas de Botafogo, chamando a atenção para o caso. Ainda que a empresa tenha conseguido criar programas interessantes como o Light Recicla, que troca material reciclável por desconto na conta de luz, a taxaço pelo seu serviço mesmo assim provocou a saída de alguns moradores da favela.

Cercada por um plano inclinado e por um muro de contenção, a favela passou a se reorganizar cada vez mais sob a lógica formal da propriedade privada. No que se refere às políticas de proteção das áreas de risco do Dona Marta, o que se observou, foi o interesse por parte do Estado em modelar este espaço, a partir de tal lógica. Sendo assim, à medida em que fossem removidos os barracos da parte alta do morro, os moradores se mudariam para as novas casas e moradias dos conjuntos habitacionais entregues pelo poder público na mesma comunidade. Porém, tais medidas, apenas fragilizaram a permanência da população mais pobre, que embora tenham recebido melhores condições de habitabilidade pelo programa, viram as mesmas políticas, incentivarem a especulação do preço da terra local.

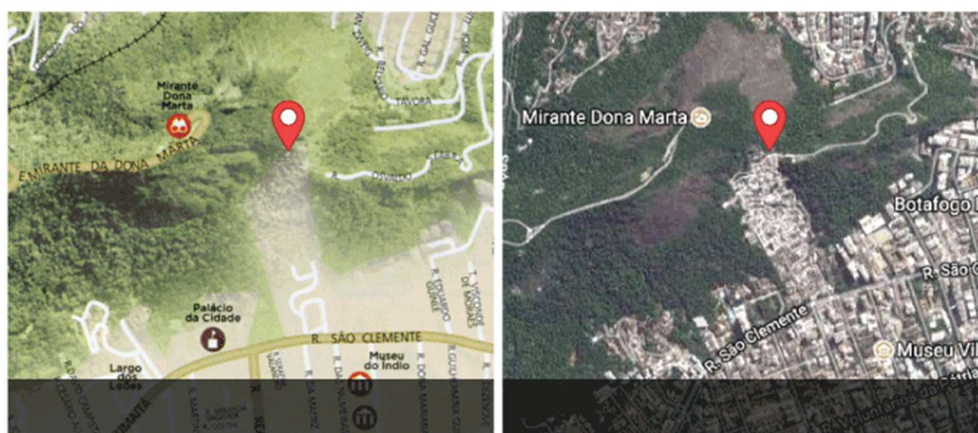
A Santa Marta, vendida cada vez mais como um espaço turístico, valorizada pela sua paisagem, segurança e proximidade com as áreas centrais da cidade, passa a ter seu auge interrompido, ainda em meados de 2015, com o processo de crise política federal e econômica do estado do Rio de Janeiro. Não somente, a crise política vivida até hoje no país levou ao esfacelamento das alianças entre os poderes, federal, estadual e municipal, que gerou a perda de muitos investimentos públicos destinados a Santa Marta, dentre eles, o mais perceptível de acordo com as entrevistas, foi na área da segurança, com o processo de sucateamento das UPPs.

O projeto das UPPs, já fragilizado pelo precário desenvolvimento de políticas sociais, passa a entrar em colapso com a crise vivida pelo estado. Se por um lado, as críticas e denúncias de abuso policial nas favelas ocupadas se tornaram cada vez maiores, por outro, a segurança pública nestes locais passou a sofrer com a falta de recursos e atraso de salários, sem perspectivas de aumento efetivo, resultando na ascensão do crime organizado, que recaptura algumas dessas áreas controladas pelo Estado, mesmo que publicamente isto não venha ser reconhecido de fato. Na favela Santa Marta, este problema vem se manifestando já algum tempo, após quase sete anos de ocupação, passando a ser registrados com frequência os casos de tiroteio envolvendo policiais e traficantes. Por decorrência, acompanhamos a desvaloriza-

ção dos imóveis em Botafogo, próximos a favela, com queda de 2,5% entre os anos de 2015 e 2016, conforme dados da Secovi Rio fornecidos pela matéria,

Sob efeito cascata, as incertezas frente à continuidade do programa das UPPs, quanto o crescimento da insegurança no lugar, fragilizaram as atividades turísticas da favela. Com o término dos jogos olímpicos, o que se identificou por parte dos moradores foi uma abrupta diminuição no número de turistas no morro. Embora projetos como *Rio Top Tour* ainda estejam em vigor, nos chamou a atenção o fato da favela ter sido apagada dos mapas impressos nos folhetos turísticos da RioTour em 2017. Assim como em outras favelas da zona sul, a empresa de turismo do município do Rio optou por substituir estes espaços por áreas verdes além de não as incluir entre as atrações turísticas, indicadas em sua página oficial na internet. No entanto, os “tours” em favelas que foram divulgados pela empresa em suas revistas, foram classificados como “tours especiais”, diferenciando-os dos demais atrativos turísticos da cidade. Conforme apurou a imprensa, a RioTour e os demais responsáveis na produção destes mapas, alegaram que as favelas não precisavam estar representadas, uma vez que não são regularizadas e por isso podem mudar permanentemente.

FIGURA 20 – Comparação entre as imagens da favela Santa Marta divulgada nos panfletos produzidos pela RioTour e as imagens de satélite do Google Earth



Fonte: <https://oglobo.globo.com/rio/folheto-da-riotur-distribuido-turistas-tira-favelas-da-geografia-da-cidade-21806418>

O abandono dos investimentos públicos no setor de turismo em comunidades como o Santa Marta é percebido pela falta de manutenção adequada das infraestruturas e logísticas

voltadas para o desenvolvimento de programas como *Rio Top Tour*. Ao mesmo tempo, observamos a retomada do controle do tráfico no local se manifestar, por meio da dominação de espaços até então usados para a prática do turismo, associando-os como símbolo de seu controle territorial. Percebemos isto, com a aparição da estátua do Michael Jackson, servindo de apoio para um fuzil usado pelos traficantes, logo depois sendo usada por policiais em tom de resposta a tal episódio.

FIGURA 21 – Estátua Michael Jackson com fuzil de traficantes



FIGURA 22 – Estátua Michael Jackson com boné da Polícia Militar do Rio de Janeiro



Fonte: <https://oglobo.globo.com/rio/folheto-da-riotur-distribuido-turistas-tira-favelas-da-geografia-da-cidade-21806418>

O pacote de obras inacabado direcionado para a favela, estão sem previsão de término. Das três fases propostas pelo PAC, o programa deixou de concluir a segunda, a qual era financiada pelo governo estadual, hoje em crise. Com o objetivo de efetivar melhorias de moradia no local, o programa entregou apenas um dos dois conjuntos habitacionais prometidos. O edifício situado no acesso à estação três do plano inclinado, recebeu o nome de Jambalaya, já a outra construção, projetada para ser construída na antiga área do lixão, encontra-se abandonada a quase seis anos. Em relação aos investimentos na reforma das casas, ainda que não tenhamos números exatos de moradias atendidas, observamos grande quantidade de barracos de madeira em situações de extrema calamidade, com vazamentos, risco de deslizamento e más condições de higiene. Já as poucas casas que foram removidas por estarem em área de

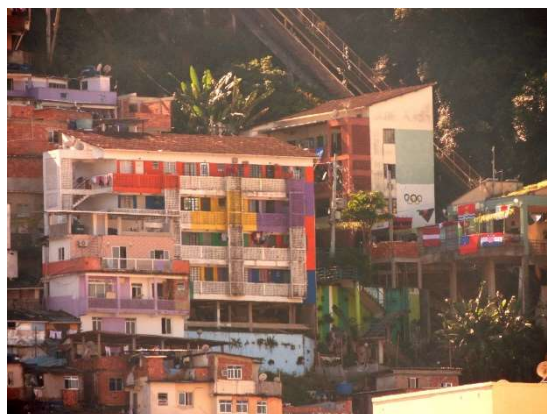
risco, tiveram os terrenos novamente ocupados de forma irregular, para novos investimentos com alugueis.

FIGURA 23 – Conjunto habitacional projetado para ser construído na área do antigo lixão da Santa Marta



Fonte: A autoria própria

FIGURA 24 – Conjunto habitacional Jambalaya.



Fonte: A autoria própria

Outros velhos problemas na comunidade ainda permanecem, desde a instalação da UPP, o serviço de coleta de lixo vem sendo feito pela Comlurb, ao invés dos garis locais, porém sem grandes resultados na limpeza do espaço. Mesmo tendo sido criadas estratégias de coleta de lixo, auxiliada pelo transporte do plano inclinado, ainda percebemos a concentração de resíduos deixados no morro. Um dos entrevistados nos contou que apesar da orientação dada aos moradores para não despejarem lixo nas encostas, muitos acabam fazendo isso, o que acaba atraindo ratos, insetos e cachorros abandonados ao local. Quanto ao sistema de energia elétrica, percebeu-se a falta de fiscalização, a volta das ligações clandestinas nas casas, perdendo também grande parte da iluminação pública instaladas nos becos e vielas, retiradas pelo tráfico. Este processo de desmonte da “vitrine” favela Santa Marta, vem dando lugar novamente as representações e imaginários da favela vinculada a imagem de violência e medo. Sobre as perspectivas futuras, acreditamos que o processo resultará na aceleração dos movimentos de segregação espacial, distanciando mais ainda as favelas do restante da cidade.

Optamos por concluir esta pesquisa com as falas que convergiram para as partes positivas e negativas que vão ao encontro de nossa análise em relação aos processos de produção do espaço da favela Santa Marta. Com base nas respostas dos entrevistados que moram na

favela, poucos foram os legados deixados pelos investimentos em *citymarketing* no local, com destaque para o plano inclinado e a clínica da família que hoje se encontra em funcionamento em frente à Praça Corumbá. No que se refere a UPP, todos chamaram a atenção para a melhoria na segurança pública local, que apesar de não ter acabado com o problema do tráfico na comunidade, corroborou para a pacificação da favela durante os primeiros anos de implementação. No entanto, atualmente os moradores se queixam do abandono do programa, sentida pela diminuição no número de policiais no morro e pela ascensão do crime organizado, corroborando no crescimento da violência local.

Quanto ao desenvolvimento do turismo na Santa Marta, a maioria dos entrevistados que moram na comunidade enxergaram a vinda de turistas ao local de forma positiva, embora surja questionamentos no que diz respeito aos verdadeiros benefícios que tal atividade traz à favela. Problemas como a coleta de lixo no morro também foram abordados, dividindo opiniões entre os moradores, que alegaram ter relações mais próximas com os antigos garis da comunidade do que com os atuais da Comlurb. Os conflitos gerados pela regularização da rede elétrica na favela, foi mencionado pela maioria dos moradores entrevistados, que relataram sobre os problemas vivenciados com elevadas taxas impostas ao consumo de energia.

Quando foram perguntados sobre o que a favela Santa Marta representa para esses moradores, muitos a descreveram como um lugar tranquilo, próximo do trabalho e onde nasceram. Porém nas falas percebeu-se como a situação da segurança pública ameaça a permanência de moradores mais jovens, que se veem motivados a realizarem suas vidas longe da comunidade, enquanto que os mais antigos, preferem permanecer no morro.

Nas entrevistas produzidas com os moradores de Botafogo, nos chamou a atenção o desconhecimento por parte dos entrevistados frente os acontecimentos e as particularidades que envolvem a favela Santa Marta. Dos cinco entrevistados, apenas um alegou ter subido o morro uma vez, para visitara creche local. Ao perguntarmos sobre o interesse em visitar a comunidade, todos demonstraram interesse, porém revelaram preocupação com a segurança. Foi possível notar pelas falas dos moradores, um preconceito velado, que segmenta aqueles que moram no asfalto e aqueles que habitam no morro. Embora a maioria afirme não ter problemas com a favela, é clara a diferenciação que se faz entre “eles” e “nós”, reforçando ainda mais o distanciamento que se tem perante um espaço tão próximo ao cotidiano dos entrevistados.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Lena; FAULHABER, Lucas. SMH 2016: remoções no Rio de Janeiro Olímpico. Rio de Janeiro: Mórula, 2015.

BARCELLOS, Caco. Abusado: O dono do morro Dona Marta. Rio de Janeiro: Record, 2015.

BESSA, Altamiro Sérgio Mol; CAPANEMA ÁLVARES, Lúcia. A construção do turismo: Megaeventos e outras estratégias de venda das cidades. Belo Horizonte: C/Arte, 2014.

CAMPOS, Andreilino. Do quilombo a favela: a produção do “espaço criminalizado” no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BARBOSA, Jorge Luiz. A geografia dos negócios do narcotráfico. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; VOLOCHKO, Danilo; ALVAREZ, Isabel Pinto (Org.). A cidade como negócio. São Paulo: Contexto, 2015. p.247-265.

DAVIS, Mike. Planeta favela. São Paulo: Boitempo, 2006.

FERREIRA, Alvaro. A cidade do século XXI: segregação e banalização do espaço. Rio de Janeiro: Consequência, 2011.

HARVEY, David. 17 Contradições e o fim do capitalismo. São Paulo: Boitempo, 2016.

_____. Espaços de esperança. São Paulo: Editora Loyola, 2015.

HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2016.

VALLADARES, Licia do Prado. A invenção da favela: do mito de origem à favela.com. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SOUZA, Marcelo Lopes. Fobópolis: O medo generalizado e a militarização da questão urbana. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

_____. Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio espacial. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

VAINER, Carlos; p.19-46; BROUDEHOUX, Anne Marie; p.433-455; SÁNCHEZ, Fernanda; GUTERMAN, Bruna; p. 219-244; OLIVEIRA, Fabrício Leal. Os megaeventos e a cidade: perspectivas críticas. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.

VAINER, Carlos; ARANTES, Otilia; MARICATO, Ermínia. A cidade do pensamento único: desmanchando conceitos. Petrópolis RJ: Editora Vozes, 2007. p.75-103.

ZIZEK, Slavoj. Violência: seis reflexões laterais. São Paulo: Boitempo, 2014.

REIS MENDES, I. C. Programa Favela-Bairro: uma inovação estratégica? Estudo do Programa Favela-Bairro no contexto do Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro. 2006. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo . São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

ARTIGOS

ABREU, MAURÍCIO DE ALMEIDA. Da habitação ao hábitat: a questão da habitação popular no Rio de Janeiro e sua evolução. Revista Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, nº 10, p.210-234, 2003.

FERREIRA, ALVARO. Favelas no Rio de Janeiro: nascimento, expansão, remoção e, agora, exclusão através de muros. Revista bibliográfica de geografia y ciencias sociales. Serie documental de *Geo Crítica*, Universidad de Barcelona, vol.XIV, nº 828, 2009.

FREIRE-MEDEIROS, B. A Construção da Favela Carioca como Destino Turístico. In: Palestra proferida no CPDOC, Rio de Janeiro, 2006.

_____. A favela que se vê e que se vende. Reflexões e polêmicas em torno de um destino turístico. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 22, n. 65, p. 61–72, 2007.

MELLO, M. A. D. S.; VIEIRA DA CUNHA, N. Novos conflitos na cidade: A UPP e o processo de urbanização na favela. Revista de Estudos de Conflitos e Controle Social, v. 4, n. 3, p. 371–401, 2011.

MACHADO DA SILVA, LUIZ ANTONIO. Afinal, qual é a das UPPs?. Observatório das Metrópoles, UFRJ, 2010. Disponível em: http://www.esedh.pr.gov.br/arquivos/File/AFINAL_QUAL_E_DAS_UPPS.pdf. Acesso em: 14/03/2017

SITES

<<http://r7.com/Pbm0>> Acesso em 07/08/2017

<<Http://www.upprj.com/>> Acesso em 16/08/2017

<<Https://oglobo.globo.com/rio/apos-quatro-anos-de-queda-favelas-voltam-crescer-no-rio-de-janeiro-21596827>> Acesso em 16/07/2017

<<Https://www.amabotafogo.org.br/historia-do-bairro>> Acesso em 26/05/2018

<<Http://www.upprj.com/index.php/informacao/informacao-selecionado/ficha-tecnica-upp-santa-marta/Santa%20Marta>> Acesso em 07/06/2018

<<Https://oglobo.globo.com/rio/light-ja-reduziu-em-90-gatos-de-energia-em-cinco-comunidades-com-upps-3555758>> Acesso em 26/11/2017

<<Http://creci-rj.gov.br/avelas-rio-entram-mapa-oficial-da-cidade-e-morador-tera-endereco-com-cep/>> Acesso em 23/03/2018

<<http://www.pac.gov.br/sobre-o-pac>> Acesso em 14/02/2018

<http://www.turisrio.rj.gov.br/top_tour.asp> Acesso em 01/02/2018

<<Http://www.rj.gov.br/web/seobras/exibeconteudo?article-id=748415>> Acesso em 01/02/2018

<[Http://www.rj.gov.br/web/imprensa/exibeconteudo?article-id=730816](http://www.rj.gov.br/web/imprensa/exibeconteudo?article-id=730816). > Acesso em 01/02/2018

<[Https://www.coral.com.br/pt/campaign/tudo-de-cor-para-voce-levando-cor-e-arte-para-todo-brasil](https://www.coral.com.br/pt/campaign/tudo-de-cor-para-voce-levando-cor-e-arte-para-todo-brasil). > Acesso em 01/03/2017

<[Https://www.shell.com.br/energia-e-inovacao/make-the-future-new/iluminando-santa-marta.html](https://www.shell.com.br/energia-e-inovacao/make-the-future-new/iluminando-santa-marta.html). > Acesso em 01/03/2017

<[Http://insolar.eco.br/](http://insolar.eco.br/). > Acesso em 17/04/2018

<[Http://www.anf.org.br/santa-marta-cada-tijolo-erguido-tem-sua-historia/](http://www.anf.org.br/santa-marta-cada-tijolo-erguido-tem-sua-historia/). > Acesso em 26/05/2018

<[Https://www.bbc.com/portuguese/brasil-37722864#orb-banner](https://www.bbc.com/portuguese/brasil-37722864#orb-banner). > Acesso em 22/10/2016

<<http://glo.bo/29iJUN1>.> Acesso em 05/07/2016

<[Https://veja.abril.com.br/brasil/morro-santa-marta-tem-primeiro-tiroteio-pos-upp/](https://veja.abril.com.br/brasil/morro-santa-marta-tem-primeiro-tiroteio-pos-upp/). > Acesso em 15/04/2018

<[Https://oglobo.globo.com/rio/folheto-da-riotur-distribuido-turistas-tira-favelas-da-geografia-da-cidade-21806418](https://oglobo.globo.com/rio/folheto-da-riotur-distribuido-turistas-tira-favelas-da-geografia-da-cidade-21806418). > Acesso em 11/09/2017

ANEXO – 1

Entrevistas: moradores Santa Marta

1. Identificação:
Profissão, casado, filhos, quantas pessoas moram na casa? Tem água e outros serviços básicos?
2. Caso seja inquilino:
O morador sofreu alguma influência com a valorização do solo local? Se não, foi possível identificar implicações deste fenômeno, envolvendo parentes, amigos ou vizinhos?

Caso seja proprietário:
O entrevistado possui outros imóveis no local? Caso obtenha uma renda vinda da cobrança de aluguel; que influências a valorização do solo tiveram em seu negócio?
Houve aumento de comércio e serviços para o turismo?
3. Na opinião do entrevistado, houve benefícios com o crescimento do turismo na favela? Quais?
4. Como o entrevistado entende a prática do turismo aonde ele mora? Positivo, negativo?
5. O morador, reconhece o aumento da violência no local? Caso confirme, quais as implicações deste fenômeno aonde ele mora e no seu cotidiano.
6. O que a comunidade Santa Marta representa para o entrevistado? Se fosse possível a ilustração deste espaço, o que ele mostraria sobre o lugar. Um lugar da vida, da insegurança ou o quê?

NOME: Leonildo Felix da Silva

PROFISSÃO: Balconista

- Nascido no local, o morador reside na comunidade a mais de 20 anos. Divorciado, o entrevistado mora sozinho em sua casa própria, com atendimento de luz e água. Relatou ter vendido junto com as irmãs a casa herdada pelo seu pai, em 2016.

Teve sua casa ameaçada de remoção, pela prefeitura, alegando estar ocupando área de risco. Consequentemente seria transferido para as habitações construídas pelo PAC na mesma comunidade. Apesar de ter assinado documentações a respeito, as políticas de remoção não seguiram adiante. O entrevistado relatou que os espaços desocupados pelas remoções em áreas de risco foram novamente ocupados por moradores para a prática do aluguel.

- Sobre as melhorias que chegaram a favela, o morador relata:

“Tiveram muitas melhorias, segurança (...), mas agora voltou tudo como era antigamente. A UPP logo no começo deu certo, os traficantes se afastaram um pouco, saíram, o morro ficou mais calmo. Agora não, com o estado falido os bandidos voltaram todos (...) a iluminação está fraca, a Rioluz colocou, mas eles começaram a quebrar e não tem manutenção...”

“Faltou coleta de lixo, antigamente tinham os garis comunitários nas ruas, que era da própria favela (pagos pela associação de moradores local), depois tiraram eles e botaram os garis da Conlurb, aí só recolhe da rua, até a associação. Na minha casa não recolhem, nós que descemos, as vezes morador joga no mato, inclusive o presidente (da associação) proibiu de jogar, mas fizeram um buraco no muro e ficam jogando no mato...”

- Sobre as atividades turísticas no local:

“Eu acho que é um benefício para a gente, só precisa ter um pouco de melhoria, ainda falta apoio do estado, a questão dos lixeiros, falta a própria comunidade fazer sua parte

também, não deixando lixo no meio do caminho (...) e tem muito cachorro. É bom para mostrar para fora como é a favela no Brasil. Eu acho ótimo eles virem.”

“Mas tem alguns lugares que estão sujos ainda, que não tem ninguém para limpar, aí fica chato você trazer uma pessoa de fora e ver aquele lixo todo (...) aí não dá certo. Pessoal se diverte com eles, tiram fotos, só não gastam nada, só água e olhe lá. Eles compram lá açaí, tem roupa do Michael Jackson que vende (...), mas são alguns que compram, não são todos.”

“Eles visitam alguns pontos, que é onde podem levar (...) tem a laje do Michael Jackson, o caminho principal, as águas nascentes (...) o outro lado não pode passar, porque os bandidos não deixam também né (...) filmar as armas. Tem alguns lugares que você pode filmar, outros não, mas fora isso ninguém mexe, às vezes subo 18, 19 horas e eles estão descendo ainda.”

- A respeito do que representa a favela Santa Marta para o entrevistado, comentou:

“O lugar aonde eu moro é muito bom para morar, lugar tranquilo, distante do caminho, na beira da mata, onde só tem umas três, quatro casas. De noite é um silêncio... só os cachorros que latem, mas a parte que eu moro é mais tranquila, porque na outra parte do caminho é muita bagunça (...) gritaria.”

“A comunidade para mim é um lugar tranquilo, só quando a polícia sobe que tem umas trocas de tiro, mas fora isso é um dos lugares mais calmos que tem. É aquilo, sempre tem aquelas revira voltas, um dia está calmo outro dia não, mas agora tem ficado tranquilo.”

- O morador comentou a vinda de muitos turistas e pessoas de fora alugando casas na favela durante o período dos megaeventos.

NOME: Paulo Cezar de Souza

PROFISSÃO: Comerciante Autônomo local

- Morador da comunidade a 63 anos, nascido na Santa Marta. Reside em casa própria com sua esposa e neta e possui atendimento de sistemas de água e luz.
- A respeito dos investimentos em infraestrutura na favela, o entrevistado responde:
“Melhoria que teve aqui, pela idade que eu tenho, só o bondinho (plano inclinado) que botaram aí.”
- Sobre as melhorias vindas com a atividade turística:
“Tem melhorado, principalmente para a pessoa que tem um comércio, melhora um pouco (...) tem muitos que vem aqui passeando.”
- O morador não percebeu a diminuição de turistas a comunidade entre os diferentes períodos citados.
- Sobre o que a favela Santa Marta representa ao entrevistado:
“Eu me sinto muito bem aqui em cima, é onde eu moro, eu nunca saí daqui. O lugar é tranquilo (...) eu não troco para morar lá em baixo não, sou nascido e criado aqui...”

NOME: Jean Carlo

PROFISSÃO: Corretor Imobiliário.

- Nascido e criado na Santa Marta há 24 anos, o entrevistado é casado e reside de aluguel com mais três pessoas de sua família. Possui serviços básicos de luz e água, sendo o primeiro regularizado após a vinda da UPP.

“Depois que teve a UPP, eles regularizaram alguns desses serviços, principalmente luz, trocaram fiações das casas dos moradores, postes também (...) antes era tudo gato. Pagamos uma taxa para ter água e pagamos o que se consome de luz, as vezes tem umas cobranças um pouco absurdas, pessoas que tem poucas coisas em casa e as vezes recebe uma conta mais alta de luz. É porque tem bastante gente fazendo gato e tem outras que não fazem, aí as vezes acontece isso.”

- Sobre as influências da valorização do solo local na vida do morador:

“Nós tínhamos uma casa, moramos de aluguel ultimamente, pretendemos sair daqui também, então vamos ficar por um período curto (...) Tínhamos uma casa pequena que vendemos em 2014 e optamos por uma maior.”

“No começo estava bem alto os valores dos alugueis e agora eu vejo que está caindo. A casa que eu moro agora e que é grande, o dono alugava por 1.500 reais, agora está alugando por 1.000 reais. Tende a cair mais se continuar assim e a próxima pessoa que for alugar vai querer pagar menos que isso com certeza.”

- Sobre a vinda de investimentos para a comunidade:

“No começo nós víamos bastante, agora a gente observa uma caída, o tráfico voltou o ao que era antes da UPP, está a mesma coisa praticamente (...) vemos pessoas com armas, usando drogas, voltou ao que era antes de 2008. Durante dois anos ficou bem tranquilo, bem diferente, não víamos tráfico, pessoas armadas, tinham muitos turistas, agora caiu. Qualquer hora que você subisse dava para ver turistas subindo e descendo, eu mesmo já fui

guia turístico de duas suíças. Víamos muitas pessoas na barraquinha de informação turística, agora vemos que está sempre vazia. É complicado eram planos que tinham tudo para dar certo, mas parece que está abandonado. A clínica da família funciona bem até hoje, fizeram logo depois da UPP, foi bem legal, para tomar vacinas e fazer consultas ajuda muito.”

- Sobre a atividade turística no local:

“Para mim é positivo, mas como eu disse, caiu muito. Antes você subia a qualquer horário, até a noite nós encontrávamos turistas subindo e descendo com o pessoal que trabalha aí como guia. Eles adoravam ir à laje do Michael Jackson, conhecer a Santa Marta. Uma pena, era um passeio legal para eles, agora é complicado subir e ver bandido armado, essas coisas...”

- A respeito da violência na comunidade:

“Aumentou, ficou uns dois anos bem tranquilo, não se via nada a noite inteira. Depois você via um pouco mais, era uma coisa um pouco mais escondida, agora já está bem mais escancarado, voltou ao que era antes. A única diferença é que você vê aqui na entrada alguns policiais e um pouco mais lá para cima, mas é só, não se vê mais policial fazendo ronda por exemplo...”

“Não acredito que a UPP esteja funcionando, eles ficam aqui nos acessos da favela, mas antes eles davam voltas na comunidade, nos becos, revistavam as pessoas (...) era um pouco chato também, mas acho que era necessário. Chegaram a instalar câmeras em alguns pontos, mas acho que agora eles desativaram, não sei nem se funcionam.”

- Sobre o que a favela Santa Marta representa ao entrevistado:

“Como eu represento? Não sei como eu represento, eu não pretendo ficar aqui muito tempo, por essas questões de violência, estou com uma filha pequena agora, quero

proporcionar um conforto maior para minha família. Eu gosto bastante daqui, foi onde eu fui criado, então me sinto bem, mas por outro lado tem essas questões...”

NOME: Maria Helena

PROFISSÃO: Comerciante

- A entrevistada preferiu não gravar esta entrevista.
- Moradora da comunidade a 30 anos, Maria Helena trabalha como comerciante ao lado da filha. Sendo proprietária da casa, a família utiliza parte do terreno para fins comerciais, ligado a venda de arte e souvenirs. A moradia é atendida por serviços básicos como água e luz e abriga ao todo sete pessoas da família.
- A atividade comercial da entrevistada é voltada diretamente aos turistas, vendendo produtos artesanais como, camisetas em alusão ao Michael Jackson e ao Olodum, e quadros, painéis, que representavam a própria favela.
- Maria Helena se mostrou favorável as atividades turísticas exercidas no local, logicamente, alegando ser bom para seu comércio. Quando perguntada sobre a queda no fluxo de turistas na comunidade, alegou não ter percebido tal fenômeno.
- Ao ser perguntada sobre o que representa a favela Santa Marta, comentou ser um lugar bom, onde sua família mora e trabalha. Reforçou a importância da vinda de turistas e a ajuda que tal atividade promove ao seu sustento.

- Não nos aprofundamos a respeito de problemáticas como a violência, visto que a entrevistada não se sentiu confortável o suficiente em comentar.

NOME: Mariana Rangel

PROFISSÃO: Estudante

- Nascida e criada na comunidade há 23 anos, a moradora reside em casa própria, construída por seu avô. Na casa onde moram seis pessoas da família, é atendida por recursos básicos como luz e água.

“Depois do projeto de pacificação, a Light entrou na comunidade e legalizou toda a parte elétrica e a água também. Antes era tudo gato, porque a Light não subia o morro antes desse projeto de pacificação.”

- A respeito das influências da valorização do solo local na vida do morador:

“Depois dessa pacificação a comunidade começou a ficar bem valorizada, até por ser zona sul, por ter sido a primeira a receber a UPP e ter sido titulada favela modelo. Valorizou muito, o aluguel e o preço das casas subiram bastante, muita gente construiu casas no intuito de alugar e ganhar uma renda.”

“No começo, um problema que nós tivemos muito foi a respeito da conta de luz, porque como legalizou, as contas no início vieram muito altas, por volta de 300 ou 400 reais, as pessoas que tinham comércio as contas chegavam a 1.000 reais. Foi um problema muito grande no começo, envolveram até advogados, muitos moradores saíram do morro porque não tinham condições de pagar água, luz, acharam que isso só ia piorar, acabou que não. Depois de um tempo conseguiram reaver isso e começaram a normalizar. Agora que mudou um pouco o contexto, voltaram a ter os problemas com gato.”

“Muita gente me procurava para perguntar se eu conhecia alguma casa para alugar no Santa Marta, gente de fora (...) víamos muitos estrangeiros procurando casa também. Sobre o turismo, foi uma atividade que adentrou no cotidiano da gente, tiveram algumas construções como hostes, o bondinho (...) deu uma valorizada durante um tempo.”

“O plano inclinado é muito legal para os moradores mais velhos, mais idosos para subir (...) tinha uma música que os moradores contavam os degraus, são 788 degraus até o topo do morro, para esse pessoal é bem melhor agora, ainda mais quando sobe com compras (...) Os idosos moram mais na parte alta do morro, para isso o bodinho foi legal, mas ele não tem o funcionamento que deveria ter. No começo funcionava mais para os turistas, os moradores ficavam um pouco de lado. Funciona todos os dias, mas as vezes estava em manutenção para os moradores e víamos turistas usando. Foi uma conquista legal, mas nem tanto, porque só tem de um lado da comunidade, eu moro do outro lado, então para mim não convém usar o bondinho, porque eu demoro mais tempo subindo pelo bondinho do que a pé. Outra melhora, embora não tenha resolvido o problema, foi a respeito do lixo. Teve um investimento bem maior, eles entram dentro das valas para limpar (...). Com os garis comunitários nós tínhamos uma interação bem maior, com a Comlurb não, já é uma coisa mais afastada, mas vemos garis todos os dias limpando, eles limpam algumas valas a céu aberto que tem lá, mas eles ficam muito na parte baixa da comunidade (...) botaram lixeiras nas estações do bondinho para que as pessoas deixem seus lixos para o bondinho descer, mas muita gente não põe, é um problema mais da comunidade mesmo a respeito dessa educação com o lixo.”

“Outro ponto positivo com a vinda desses investimentos, acho que foi a clínica da família que atende os moradores do Santa Marta, para um serviço público, eu achei muito bom, mas agora com esses problemas, está faltando recursos lá. Foi onde eu fiz meu pré-natal e fui muito bem atendida, gostei muito.”

- Sobre a atividade turística na comunidade:

“Acho que não trouxe nada de positivo, não sei se posso falar que foi algo negativo, mas alterou nosso cotidiano, porque agora a gente convive com estrangeiro, uma fila enorme de turista descendo o morro pelas vielas tirando fotos e nós temos que esperar eles passarem, muitos não entendem quando pedimos licença, coisas desse tipo. No começo, muita gente

de fora, leva turista para a Santa Marta para conhecer, depois começou a ter um conflito porque os turistas não conhecem a história da comunidade, então os guias contavam qualquer coisa. Cheguei a presenciar pessoas que não moravam lá dizendo que a água da Mina, que a muito tempo atrás já foi limpa, podia ser usada para beber, sendo que ela hoje está muito suja. Depois de problemas como esses começaram a formar os guias de dentro do Santa Marta. Alguns moradores cresceram muito fazendo esse tipo de atividade. Foram criados alguns pontos turísticos na comunidade como a laje do Michel Jackson, que antigamente e os mais velhos chamam de laje do Ambulatório Uns anos atrás o turismo tinha mais intensidade, agora nós vemos um número bem menor.”

- A respeito da violência na favela:

“Quando eu nasci lá eu já convivia com isso, era uma coisa muito mais tranquila, eles ficavam mais isolados, alguns tinham respeito, ajudavam o morador a levar compras por exemplo... Hoje mudou completamente, não sei se é porque são meninos novos mas aumentou bastante. Minha irmã de oito anos, nasceu durante o projeto de pacificação, hoje ela fica com medo. Sobre tiroteio, tem ocorrido com mais frequência do que ocorria antes, eu me recordo de um dia de tiroteio durante a instalação da UPP, agora tem muitos, já passei por algumas situações delicadas, já fui buscar minha filha na creche no meio do tiroteio. Com a UPP eu me sentia muito mais segura, a gente sabia que ainda existia, não era algo explícito como está agora, polícia e bandido convivendo no mesmo território.”

- Sobre o que a favela Santa Marta representa a moradora:

“É o lugar onde eu nasci, onde eu até pouco tempo atrás admirava morar lá, mas hoje não tenho essa felicidade toda não. Antes eu dizia que ia morar para sempre no Santa Marta, hoje em dia eu já mudei completamente a minha ideia. Mudou bastante... uns anos atrás nós tivemos algumas melhorias, que serviram mais para maquiagem e mostrar a favela modelo, mas em questão de segurança estava bem melhor, tinham muitos projetos, eventos para a comunidade, de dentro e de fora, estava um ambiente bem legal, agora mudou completamente. O Santa Marta pra mim é onde eu nasci, mas se eu pudesse eu saía, apesar de nós não estarmos salvos em nenhum lugar, mas não moraria mais lá se eu pudesse.”

ANEXO – 2

Entrevistas: moradores de Botafogo

1. Identificação:

Nome e profissão

2. Quanto tempo mora no bairro?

3. Já visitou a favela Santa Marta alguma vez?

a) Não? Por que? Aceitaria?

b) Sim? Tour? O que achou?

4. O que você pensa sobre este lugar?

5. Notou diferença entre o período “pré” e “pós” megaeventos?

NOME: Fernanda Suarez

PROFISSÃO: Enfermeira

- Moradora do bairro desde 1987

- Sobre já ter ido à favela:

“Eu não conheço nada da comunidade... por falta de oportunidade. Posso te dizer? No dia a dia nunca tive motivo para visitar.”

- Sobre o que pensa a respeito do lugar:

“Sinceramente, eu acho que eles ali poderiam viver muito bem, só que infelizmente a gente sabe que tem algumas pessoas que não são politicamente corretas lá em cima. A gente sabe que tem aquelas manifestações quando chega droga, alguma coisa assim..., mas eu não tenho nenhum problema com a comunidade.”

“A gente acorda de madrugada com fogos e sabe que chegou alguma coisa lá... é nítido isso, ainda mais agora que cresceu com a outra lá (favela Tabajara), ficou uma comunicação entre uma e outra. Eles têm o mundo deles lá, que a gente não sabe o que rola.”

“Sabemos que tem muitas pessoas do bem ali. Eu já doeí muita coisa, roupa... E sei que vai para a comunidade porque a igreja (Paróquia Santo Inácio) faz um trabalho muito legal com os moradores. Eles têm cestas básicas que ofertam para lá e até pedem que quando tiver algum assalto aqui, seja comunicado, porque eles não admitem que seja gente da comunidade, eles realmente dão um suporte. Agora... a gente sabe que lá também tem umas pessoas que não são muito adequadas.”

- A respeito das diferenças entre os períodos “pré” e “pós” megaeventos:

“Verdade seja dita, quando a UPP chegou ali, melhorou muito (...) infelizmente (...). Porque UPP não é só polícia. Agora voltou direto, você vê, Botafogo virou um bairro cheio de assalto, a gente não tinha isso. Piorou muito, a gente tinha uma vida muito melhor, sinto mais medo, insegurança.”

NOME: Leila Nogueira de Souza

PROFISSÃO: Técnica de Enfermagem

- Ex-moradora e nascida na Cruzada São Sebastião, reside atualmente na Rua Barão de Lucena há 25 anos. Ao comentarmos sobre o Santa Marta a entrevistada, relata:

“Nossa, outro dia desses teve tanto tiroteio lá no Santa Marta, era muito tiro (...) nem na Cruzada eu ouvia tanto tiroteio assim, até porque na Cruzada é prédio e não tem esse tráfico imenso como tem em morro. Vou te falar que na Cruzada eu nunca vi nenhum fuzil, metralhadora, essas coisas, até porque não tem como, a polícia chega de um lado e chega do outro...”

- Sobre já ter ido a favela Santa Marta, responde:

“Não, nunca fui, tenho vontade de ir lá ver a estátua do Michael Jackson (...) não conheço ninguém, não gosto de ir para esses lugares sem conhecer ninguém não (...) prefiro subir nesses lugares com gente do local né? Acontece alguma coisa você não sabe para onde ir.... Infelizmente eu não conheço ninguém, por isso nunca fui.”

“Tenho vontade de ir, mas quando penso em ir, acontece alguma coisa, já até desisti.”

- Quando perguntada sobre o que ela pensa sobre a favela:

“Eu gosto, o problema é que eles ficam à mercê do tráfico, esse é o problema de comunidade, nem todo mundo concorda, mas tem que se submeter aquilo, porque se não os caras mandam embora (...) pelo menos era assim, imagino que hoje também. Hoje em dia deve estar muito pior morar em comunidade, antigamente pelo menos os bandidos respeitavam mais os outros, hoje não respeita mais, era mais tranquilo, não tinha esses tiroteios todos (...). Hoje em dia está demais! ”

“Mas o Santa Marta nunca foi problema para mim, pode ser para outras pessoas, para mim não.”

- Sobre as mudanças na favela refletidas no bairro principalmente durante os megaeventos:

“Quando eu vim morar aqui, as vezes estávamos deitados e víamos umas coisas vermelhas passando no céu, *Almir* (seu marido) dizia que era tiro de fuzil. Mas depois que a UPP chegou, melhorou bastante, o Santa Marta tinha ficado bem mais tranquilo, mas agora está piorando.”

“Hoje eu sinto medo, está muito perigoso. Não fico à vontade nem em bar e loja, tudo sendo assaltado toda hora. Hoje eu teria receio de visitar a comunidade.”

NOME: João Carlos

PROFISSÃO: Escrevente

- Mora no bairro de Botafogo há 37 anos

- Sobre ter ido alguma vez à favela Santa Marta. Responde:

“Nunca visitei, porque nada me atraiu lá, nunca fui convidado. Já fui a festas em outras...”

- Aceitaria ir alguma vez?

“Eu acho que sim, não entrar sozinho (...) hoje na situação que está, eu aceitaria entrar com um grupo de moradores ou associação, não teria problema nenhum não. Não sei se entraria com algum grupo turístico, depende, se tiver segurança (...) porque recentemente tenho escutado alguns tiros de lá, então a gente nunca sabe o que pode acontecer, apesar de que hoje qualquer lugar é área de risco.”

- Sobre o que pensa a respeito da favela Santa Marta:

“Olha, não me incomodou a uns anos atrás, eles pintaram as casas, ficou muito bonito. Depois houve uma época que tinha tiros sempre, depois instalaram as UPPs e acabaram os tiros, nunca mais tinha escutado, estava muito tranquilo. Nunca me incomodou, sempre convivi muito bem com eles ali do meu lado, sem nenhum problema. Hoje em dia, voltou essa confusão de novo, mas hoje em dia está um caos geral, então não tem como dizer que a culpa é só de lá.”

- A respeito das modificações do local antes e depois dos megaeventos, comenta:

“A maior sensação de segurança foi na época em que instalaram as UPPs, que ficou muito tranquilo, a gente podia andar tranquilo pela rua que não havia nenhum problema. Hoje em dia você não vê mais a UPP lá, as vezes tem um carro de polícia. Eu passo na porta todo dia quando venho do metrô para casa, tem dias que eu vejo polícia, tem vezes que eu não vejo nenhum policial militar lá, tem uma cabine que as vezes está vazia. Acho que a gente já se acostumou a conviver todo mundo junto, não tenho nenhum problema, mas quando a UPP estava valendo, quando instalaram no início a sensação de segurança foi muito maior que agora”

“Eles pintaram as casas, botaram o plano inclinado para os moradores, que eu nem sei se está funcionando ainda (...) Lembro na época em que eles pintaram as casas, teve um impacto, o visual daqui de baixo todo mundo olhava, achava legal. O Michael Jackson que foi lá e foi muito divulgado (...) já tive curiosidade até de ir lá onde tem uma estátua dele que virou ponto turístico, mas realmente nunca fui.”

NOME: Vinicius Pequeno de Souza

PROFISSÃO: Funcionário Público

- Morador de Botafogo há 24 anos.
- Sobre já ter visitado a comunidade, responde:

“Não, nunca fui, já fui em outras, mas na Santa Marta não. Até pensamos, na época que inauguraram o plano inclinado, quando começou a ficar mais em evidência (...) antes disso eu realmente não tive uma curiosidade específica de ir lá, embora seja próximo e tenha a questão do visual que dizem que é muito bonito lá de cima. Do mirante Dona Marta, a gente vê um pouco da favela de cima para baixo, mas quando inauguraram o mirante, tiveram vezes em que cogitamos ir lá, começaram a criar comércio, alguns restaurantes na subida que o pessoal começou a falar (...), mas foi só isso, nunca nos programamos para ir. Hoje em dia já não sei, fico um pouco com o pé atrás, por conta da questão da violência (...), mas até gostaria de ir uma hora dessas junto com pessoas que estivessem vindo de fora do Rio de Janeiro para conhecer. Já teve uma vez que um amigo nosso que vem de fora para o réveillon e já comentamos de ir uma vez, mas acabamos que nunca fomos. O interesse até existe, mas é mais por conta da programação e pela questão da violência.”

- Sobre o que pensa a respeito do lugar, o entrevistado comenta:

“É.. Acho que como a maioria das pessoas eu acho um pouco contraditório, a gente percebe como as coisas ficaram mais violentas, antes das UPPs, eu lembro de quando me mudei para onde eu moro, ter escutado tiroteio, ver aquelas balas que traçam. Da uma insegurança? Dá! Embora a janela não fique de frente, você fica com medo, mas andando pela rua, eu nunca me senti inseguro, hoje talvez um pouco mais. Eu percebo que dá para identificar por ali os moradores, dependendo da hora você percebe pessoas indo para casa, voltando do trabalho, percebe crianças, tem algumas escolas ali perto (...) dá para perceber muito esse movimento. Eu percebo mais esse movimento de moradores e crianças do que algo opressivo. Nós sabemos que tem de vez em quando tiroteio e isso deixa a gente assustado, parecia que a coisa estava tranquila a um tempo atrás, aparentemente, mas agora deu essa bagunçada..”

“Não é que eu me sinta inseguro, é mais pela percepção geral, seja na Zona Norte ou na Zona Sul, você nota que é algo mais geral do que especificamente ali no Santa Marta. Esse ano eu estive no posto de saúde ali no Santa Marta, ano passado eu fui tomar a vacina da febre amarela ali também e foi tranquilo, nada demais. Vemos o movimento de pessoas, mas não sentimos medo, a gente escuta os problemas, mas a minha experiência não é a de quem se sente oprimido não, embora a gente observe mais gente na rua pedindo dinheiro, não posso dizer que seja algo a ver com o Santa Marta, acredito que seja um problema mais geral..”

- Sobre perceber diferenças entre no local durante o período “pré” e agora no momento “pós” megaeventos.

“Olha para ser sincero eu não percebi muita diferença não, tiveram os investimentos, mas como eu não frequento, não tem como eu mensurar esta diferença. Eu percebi mais pelo que as pessoas comentam a respeito das brigas entre facções e os tiroteios, foi a diferença que se tornou mais evidente para mim.”

NOME: Mariana Pompeu

PROFISSÃO: Estudante

- Moradora do bairro há 22 anos

- A respeito de já ter ido alguma vez a comunidade:

“Já fui já, mas só ali no início. Fazia um trabalho voluntário numa creche com crianças pequenas quando eu estudava no Santo Inácio. A escola tinha esse programa de voluntariado e nós passávamos a tarde, de 13 as 17 horas da tarde na creche, ali no início da subida. Tinham pessoas lá que faziam outros trabalhos de voluntariado, dando aula de matemática e português. Eles fazem natal solidário também, que arrecadam roupa, alimento (...). A creche era um ambiente bem arrumado na época, entre 2012 e 2013, organizado com os horários certos para as crianças comerem, dormirem, os professores eram bem atenciosos.”

“É um lugar que eu sempre quis subir e conhecer, mas nunca fiz isso, acho que por medo ou receio.”

- Sobre o que pensa a respeito do lugar Santa Marta:

“Hoje eu sinto um pouco de medo ali, já era uma área violenta, depois foi pacificada e ficou tranquilo, nós não víamos nada, mas aí hoje você já consegue ouvir algumas coisas de novo. Vejo que agora tem mais policiamento, coisa que antes não precisava ter, porque eu acho que não sei ali, mas Botafogo inteiro está mais violento, já presenciei algumas cenas de assalto (...), então acho que a região toda está assim.”

- Sobre as diferenças entre os momentos “pré” e “pós” megaeventos na cidade:

“Senti que o policiamento melhorou e piorou, está pior. Eu procuro não passar perto de lá, fico com medo, mas não sei se é na Santa Marta especificamente é Botafogo inteiro, acho que é isso...”